

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Longe de casa:

Um resgate de memórias de torcedores do Grêmio na Grande Florianópolis

Por Leticia Coutinho da Silva

Em frente à televisão ou misturados na multidão das arquibancadas. Do grito de gol ao de "é campeão", das lágrimas de emoção às de tristeza. O futebol reúne em si as mais diversas emoções, mas às entrega aos seus milhões de apaixonados pelo mundo. Dentro e fora das quatro linhas, torcedores de tantos clubes espalhados pelo planeta se veem representados e, até mesmo, pertencentes ao espetáculo que acontece ao redor de uma bola de futebol.

Na Grande Florianópolis, em Santa Catarina, não é diferente: com forte presença da cultura gaúcha não só na Capital, mas em boa parte do estado, torcedores de clubes sul-riograndenses se espalham pelo território e levam consigo as cores dos times pelos quais torcem. Os do Grêmio, inclusive, ganharam o espaço deste trabalho como forma de homenagear o clube que carrega consigo cerca de oito milhões de apaixonados.

Dos 61 mil associados atuais, uma parcela encontra-se a 462 quilômetros de casa, distância entre Porto Alegre e Florianópolis. Seria, então, o clube um elo entre lugares, pessoas e momentos? Dos gremistas espalhados por aí, sete ousaram responder:

Quantos sonhos cabem em um campo de futebol?

João Paulo Cardoso

“Lá vai ele pela ponta-direita! Quem sabe agora?! O garotinho passou o pé por cima da bola, tocou na direita! O atacante recebeu, dominou com a perna canhota e lançou na meia-esquerda! Vamos lá! É o Grêmio no ataque! Lá vai o Grêmio, pela esquerda. Quem sabe agora! Gingou para lá e pra cá, em cima da marcação, mas é falta na intermediária! Falta perigosa contra a equipe do Figueirense! Pode ser agora, o zero pode sair do placar! São 35 minutos de jogo, final da Copa do Brasil!”. Assim, aos 35 anos, João Paulo Cardoso criou sua primeira narração de um jogo imaginado entre Grêmio e Figueirense. “Ainda chamei a mim mesmo, JP Cardoso, como repórter na minha narração”, lembra. O inusitado deste episódio não está somente na criatividade de João que, além de criar o próprio nome profissional, fazer a locução, incluir reportagem, plantão e até *merchandising*, também estava, sem saber, dando seu primeiro passo rumo à carreira de repórter esportivo.

Essa história, ainda que pareça confusa e inusitada, aconteceu no dia 27 de junho de 2017, quando João, estudante de Jornalismo, foi ao estádio Orlando Scarpelli, junto do cunhado alvinegro, Felipe, para assistir uma partida entre Figueirense e Londrina. Na saída do jogo, a dupla se dirigiu à umas das barraquinhas de cachorro-quente localizada no entorno do estádio. “Quando terminou o jogo, eu fui comer um cachorro-quente. Cheguei lá e vi que tinha um outro cara fazendo um pedido nessa barraca, e eu reparei na camisa dele. Estava escrito ‘Rádio Mais Alegria’. Me aproximei”.

— Oi, tudo bem? Essa rádio transmite futebol?, perguntou João.

— Transmite, sim, ele respondeu.

Após uma apresentação inicial, a dupla trocou contato e, na empolgação, João ainda comentou que estava em uma fase avançada do curso de Jornalismo, quando, na verdade, fazia apenas uma semana que havia iniciado as aulas na Faculdade Estácio de Sá. “Quando ele se afastou, eu pensei ‘ah, não vou ficar só nisso’, e o chamei de volta, pedi para mostrar um negócio. Ele ficou meio sem reação, e perguntou o que eu queria”.

— Vamos ali atrás da carrocinha de cachorro-quente?, insistiu João.

— Pra quê? Tem que ser ali? O que você quer me mostrar?, ele disse.

“No fim, levei o cara lá e disse que faria umas imitações de personagens de futebol, ele ficou sem reação. E aí eu comecei”. E foi assim que nasceu a primeira narração criada pelo até então calouro, hoje já veterano, pois está prestes a concluir a graduação. No entanto, apesar da excentricidade em apresentar a narração, faltava um detalhe: saber quem a ouvia.

Na época, João sequer sabia que fazia sua demonstração para Agnaldo Passos, diretor de esportes da rádio *Mais Alegria*, de Florianópolis. Assim, no meio da rua, após um jogo de futebol, ele abriu seu caminho para a primeira oportunidade profissional numa emissora. Três semanas se passaram e o telefone tocou e, sem remuneração alguma, ele ingressou na equipe esportiva da empresa. O primeiro jogo que cobriu e, dessa vez, vestindo a camisa do Jornalismo, foi entre Avaí e Grêmio, reportando as informações do time da casa, o Avaí, naquele mesmo ano.



João Paulo na segunda transmissão da carreira pela *Mais Alegria*, em 2017, no estádio do Figueirense | Foto: Arquivo pessoal

O primeiro dia com o microfone empunhado à beira do campo da Ressacada trouxe memórias e expectativas. As recordações alternavam entre a infância em Viamão, cidade onde cresceu na Grande Porto Alegre, a desistência de jogar futebol profissionalmente, a vida profissional na área de segurança eletrônica e a curta caminhada como representante de vendas de linguiça e brincos de aço. Esta última, o fez lembrar os momentos em que

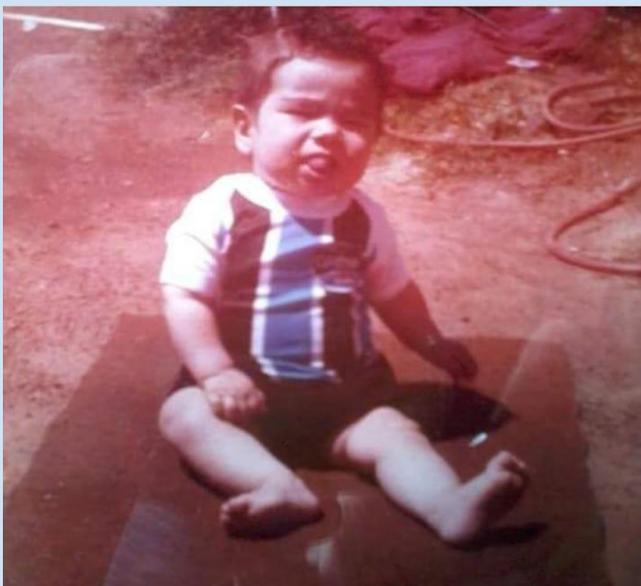
batia “de porta em porta” nos estabelecimentos comerciais do centro de Florianópolis para fechar negócio e bancar o curso superior recém iniciado e as despesas da casa, onde mora com a esposa Daniely Cardoso e o filho Davi Cardoso. Entre as expectativas daquela primeira experiência como repórter, estava o desejo de estar frente às câmeras, próximo do campo de futebol e, em especial, do Grêmio, onde atuou como atleta de categoria de base nas décadas de 1980 e 1990.

“O sonho é assim, ele surge. Tem gente que sonha algo desde a infância ou desde o ano passado, mas o meu sonho de me lançar a um desafio novo, que unisse TV e esporte, veio aos 35. Ouvei muito ‘cara, tu não vais conseguir, tu estás velho...quer ser jornalista daqueles que aparecem na TV? Não perde teu tempo’”. Na primeira ida ao estádio como repórter, o medo era um só: deixar transparecer o time do coração. Gremista desde a infância, se viu entre o clube e a profissão logo na primeira cobertura.

Cinco anos se passaram após aquela locução inventada no meio da rua e, na sequência, a primeira transmissão real. Hoje, sua carreira deslançou rumo não só ao esporte, mas a diversas áreas. A passagem pela *Mais Alegria* o levou a cruzar com emissoras como *NDTV* e *TV Barriga Verde* – onde apresentou o programa esportivo *Jogo Aberto*. Atualmente, trabalha no *SCC SBT*. Aos 39 anos, garante: “Olhando para trás, eu não imaginava que alcançaria coisas tão rapidamente. Vi que quem se comunica, vai para frente”.

Amigos, amigos, times à parte

Quem via, de longe, a inexperiência bater à porta de João logo no primeiro dia trabalhando em campo, não imaginava que poucos anos depois ele estaria cara a cara com uma das maiores expressões de amor da sua vida: o Grêmio. O sentimento que começou em 1983, ano em que nasceu, foi herdado de seu Rosemário, seu pai, e o acompanhou desde a cidade natal, Laguna, no litoral catarinense, onde viveu o primeiro mês de vida, até Viamão, quando Rosemário e Sandra – mãe de João –, decidiram retornar ao Rio Grande do Sul, em busca de novas oportunidades de emprego. “É aí que está a minha raiz, eu me considero gaúcho”.



Aos 10 meses de idade, João já trajava uniformes do Grêmio pelas ruas de Viamão | Foto: Arquivo pessoal

No Morro da Aparecida, bairro Santa Isabel, na região metropolitana de Porto Alegre, a antepenúltima casa localizada no topo de um dos becos da comunidade abrigava a família de gremistas Cardoso, vizinhos aos colorados fanáticos da família de Claudoir Bittencourt, que moravam ao lado. Ali, começa uma das histórias mais emblemáticas do "grenal particular" – termo que une os nomes dos rivais Grêmio e Internacional – disputado nas ruas da comunidade. Com oito anos de diferença, Claudoir via em João um irmão caçula, no entanto, a diferença entre os dois ultrapassava os números da idade. “O João é ‘gremistão’ doente, e eu sou colorado doente! Uma vez, ele botou um bandeirão do Grêmio pendurado pro meu lado do pátio, que era separado por um muro, aí eu fui lá e pinteí a bandeira todinha de vermelho! Quando ele viu, chorou, se descabelou, queria saber quem foi...fui eu!”, se diverte o ex-vizinho. João tinha sete anos na época e, hoje, lembra-se do episódio com bom humor. “Eu pendurei a bandeira lá de propósito, mesmo, aí fui para o colégio e, quando voltei, estava toda vermelha, acabaram com ela. Foi o Claudoir!”.

Apesar da história que deixou o menino chateado, a dupla pode dizer que coleciona momentos muito felizes, afinal, Claudoir garante ter sido o responsável pelo interesse do amigo pelo futebol. “O João andava comigo e eu sempre joguei futebol. Inclusive, sou um colorado que jogou nas categorias de base do Grêmio entre 1989 e 1990. Ele ia comigo ‘pra cima e pra baixo’, sabia os horários e as datas dos meus jogos e me acompanhava com a bola de futebol embaixo do braço. Essa paixão pelo futebol, ele tem por minha causa, mesmo”.

Na contramão, seu Rosemário é categórico: "Foi meu incentivo. Foi assim que ele se interessou por futebol. [Somos] iguais, torcemos juntos".



Claudoir, João e Andrea, irmã mais velha da família Cardoso, na casa da rua Medianeira, em Viamão, no início da década de 1990
| Foto: Arquivo pessoal

Para João, os dois são responsáveis. “Se cada um pegou para si o crédito por me fazer gostar do futebol, eu acredito que os dois tenham razão. O Claudioir me pegava pela mão e eu ia junto, me apaixonei pelo futebol e ele era minha referência. Só que, dentro de casa, eu tinha um pai gremista que não desgrudava do rádio. Era eu e ele escutando o jogo do Grêmio. Então, eu gosto de futebol por causa do incentivo do meu pai e porque o Claudioir me levava para todos os jogos dele”.

Apesar da discordância futebolística, as famílias eram muito próximas, até quando João, os pais, as irmãs Andrea, Aline, Ana Paula e a sobrinha Fernanda deixaram o morro. “Naquela época, o Claudioir chegava na minha casa, com 15 anos de idade, e se deitava entre os meus pais na cama deles, só para perturbar”. Três décadas depois, a amizade segue a mesma.

“A rivalidade grenal, nós ainda a vivemos todos os fins de semana que o Grêmio ou o Inter jogam. Eu folgo nele e ele folga em mim. Eu tenho um carinho enorme por ele, morou desde pequeno ao lado da minha casa, andava sempre fardado e com a bandeira do Grêmio”, relembra Claudioir. João confirma: “É o único colorado que eu não tenho raiva. Quando termina um jogo do Grêmio, já vem uma mensagem dele!”.

Passado, presente e futuro

As histórias da infância estão interligadas à comunidade que se fez quintal para a criança que viveu por lá até os 11 anos de idade, jogando futebol, brincando de bolinha de

gude e explorando a região de matagal que se formava acima das últimas casas do morro. Foi em 1993 que Rosemário e Sandra, preocupados especialmente com João, o filho caçula, decidiram tirar a família de perto da violência do tráfico de drogas que invadia os becos e vielas da Aparecida.



Fernanda, Ana Paula, Rosemário, Andrea, Sandra, João e Aline durante reunião de família, em Florianópolis | Foto: Arquivo pessoal

Antes de deixar a comunidade, um sonho foi plantado. O menino que deu os primeiros chutes na comunidade, se lançou às categorias de base do SESC Futsal e, posteriormente, do Grêmio. Aos 10 anos de idade, João frequentava os times juvenis, mas a carreira dos sonhos esbarrou em empecilhos que, até hoje, são doloridos. “Acho que quase todo guri sonha em ser jogador. Meus pais estavam sempre fora, e eu pensava ‘ah, hoje não vou pro treino’. Não tinha muito incentivo, meu pai não conseguia me acompanhar. Ainda é uma ferida. Ainda penso ‘por que eu não investi mais?’, mas tento não transferir a culpa para ele. Tentei ser jogador até os 16 anos”.

O sonho acabou, definitivamente, em 2000, quando o novo rumo não seria mais dentro do Rio Grande do Sul, e atravessaria a divisa estadual com Santa Catarina, onde a família decidiu se estabelecer. “Eu tinha uma escolha: ou eu vinha com meus pais para Santa Catarina, ou ficava lá para tentar uma última vez a carreira de jogador, onde eu já conhecia muita gente. Eu fui embora. Chegando aqui, o sonho se dissipou, sabe? Vi que não dava mais”. Antes disso, alguns episódios o marcaram.

Já fora dos gramados das categorias de base, João viu com os próprios olhos o surgimento de Ronaldinho Gaúcho para o futebol. “Lembro do Ronaldinho. Via ele chegando aos treinos, em um [carro] *Palio* ou um *Corsa* branco, se não me engano, um dos primeiros carros dele. Era só uma promessa e eu vi ele surgir. É o maior que vi jogar na história”. Além do “bruxo”, como Ronaldinho ficou conhecido por conta das “mágicas” que fazia com a bola em campo, o menino ainda acompanhou, das arquibancadas do Olímpico, Mauro Galvão e Tinga, durante os treinos abertos ao público.

Se o sonho de João não foi para a frente ainda naquela época, não se pode dizer o mesmo do pequeno Davi, o filho gremista de João e Daniely. Aos 10 anos, ele já toma para si o sonho que era do pai e recebe todo o incentivo da família para seguir adiante. “O meu filho, hoje, é atleta monitorado do Athletico Paranaense. Ele tem esse sonho, mas eu procuro não transferir para ele essa ideia de ele realizar o *meu* sonho. Vou apoiá-lo em qualquer coisa que ele queira ser. Até o meu pai diz ‘vou fazer com ele o que não pude fazer contigo’”.

Apesar de ver o desenvolvimento do filho nos gramados, o medo do ambiente do futebol ainda preocupa. Com relatos de violência entre torcedores que pipocam em todos os cantos do país, a rivalidade grenal não escapa da barbárie promovida por integrantes de ambos os lados. O medo faz com que João, que já presenciou duas ocorrências de agressão em épocas de clássico, não queira deixar o filho repetir a dose, mesmo que já tenha levado a família para conhecer o estádio Olímpico Monumental e a Arena do Grêmio. “Em grenal, não vamos, nem pensar. Não é seguro. Vou em qualquer jogo, mas, no clássico, não. Em 1992, no Olímpico, houve uma briga na torcida e meu pai me agarrou pela cintura e me tirou de lá correndo. Só lembro daquele mar de gente brigando na arquibancada. Já o último que eu fui, tive que sair correndo de medo, com a camisa do Grêmio escondida no bolso, isso em 1995! Acho que, hoje, está muito pior. Eles [torcedores] combinam de brigar pela internet, marcam lugares para se agredir ou fazer emboscadas. Enquanto eu for responsável pelo Davi, ele não vai”. Daniely complementa: “Os organizadores fazem sua parte, mas há muito o que se trabalhar na cabeça dos torcedores. As brigas nos estádios são por motivos banais. Não acho que seja um lugar 100% seguro”.



Jogo entre Grêmio e Tombense, em 2022, marcou primeira ida de Davi à Arena do Grêmio | Foto: Arquivo pessoal

Juntos há 14 anos, o casal vê em Davi a cópia de João no quesito “torcedor”. Das discussões com os jogadores e juizes pela TV ao conhecimento da história do Grêmio, o pequeno repete os passos do pai e do avô. “Davi é igualzinho ao pai, sem tirar nem pôr. Já levamos ele para conhecer o antigo estádio do Grêmio e, ali, vi o João chorando de tristeza; quando fomos à Arena, parecia que estávamos na Disney, não queriam ir embora!”, conta Dany, como é chamada pela família.

O marido garante que passou mais influência ao filho do que recebeu, e brinca que, assim que Davi nasceu, colocou uma camisa do Grêmio no bebê. Por isso, afirma que seria muito frustrante ter um filho que não seguisse o sentimento. “Faz parte da nossa essência. Eu me perguntaria até se tem algum problema comigo, caso não tivesse influenciado ele [risos]!” A influência não se estendeu apenas ao time do coração, mas também ao sotaque. Para a família, Davi é um “gauchinho”.

Atualmente, o trio composto por avô, filho e neto, se reúne para acompanhar as partidas do tricolor na casa do mais velho, já que residem no mesmo condomínio. “Sempre que dá, vemos o jogo juntos. Ver essas duas gerações [avô e neto] é demais, porque meu pai está com 73 anos e o Davi com 10, e é o mesmo pensamento!”.

Jornalismo esportivo, imparcialidade e novos caminhos

Com meia década de Jornalismo, o desafio de transparecer imparcialidade durante as coberturas esportivas foi superado. No entanto, com as constantes mudanças na forma de exercer a profissão, o agora 'JP Cardoso', nome que adotou para o trabalho, vê a ideia de assumir o time do coração como uma ferramenta para abrir portas na área. "Há um choque entre esse Jornalismo fora da caixa e o 'mais quadrado', tradicional. Eu comecei a assumir meu time nas redes, sem fazer apologia. Quando eu trabalhava no esporte, eu escondia. Hoje, acho que pode nos abrir portas. As pessoas querem saber o time do jornalista". Contudo, outros medos começam a surgir. Se profissionalmente pode ser um passo adiante na carreira, há ainda que se trabalhar a mente – e as punições – referentes aos torcedores mais exaltados. "Minha ressalva é sobre as punições no Brasil. É até perigoso para nós, jornalistas, falarmos uma besteira".

Com relação aos moldes atuais do Jornalismo especializado em esportes, João integra a nova safra de jovens que chegam para se comunicar nas plataformas multimídias. Se o apreço pela profissão começou nas tradicionais ondas do rádio, meio pelo qual acompanhou os jogos junto do pai durante a infância na década de 1980, hoje, ele vê espaços mais amplos para disseminar conteúdo e produzir informação. "O Jornalismo esportivo, hoje, está numa fase de linguajar mais solto, coloquial. Tem brincadeira e tudo mais, mas tenho saudade dos debates dos mais antigos, com Miguel Livramento, Paulo Brito, Roberto Alves, pela bagagem deles. A nova geração está chegando e pegando a fase da internet. Tá num caminho legal, junta o entretenimento e a informação, mas muito tecnicismo também". Para os passos futuros na vida e na carreira, João quer traçar novas rotas. "Eu penso que ficar 'só' no microfone, aparecer na TV e achar que é o suficiente, é vaidade. Quero usar o jornalismo como bagagem para coisas maiores. Penso em ministrar palestras. Não é papo de 'coach', mas dar um tipo de treinamento sobre comunicação, talvez para área de vendas, porque também já trabalhei com isso", projeta. Quanto ao Grêmio, destaca que cobrir o time do coração continua sendo seu sonho. "Eu disse, lá no início, que minha primeira experiência foi numa partida entre Grêmio e Avaí, mas, espera aí! Eu estava cobrindo o Avaí, e eu quero cobrir o Grêmio, quero trabalhar num jogo, pelo lado do clube, para ter isso na minha história, mesmo".

O que seria do vermelho sem o azul (e vice-versa)?

Rodrigo Stigger Dutra e Lidiamara Dornelles

“Cuesta, na meia-esquerda! Ameaçou, mas não bateu. Vem para a tabela com o Peglow, [que devolve] para Cuesta, bateu cruzado! Edenilson! 41 anos! Gooool... subiu a bandeira! Subiu a bandeira! Confusão no Beira-Rio, subiu a bandeira o bandeirinha, subiu Fabrício Vilarinho, que impugnou, invalidou o gol do Inter! É o título ou não é?”, dizia a narração de Gustavo Villani, do *SporTV*, em 25 de fevereiro de 2021. O jogo entre Internacional e Corinthians corria de portas fechadas, sem presença de público na partida que, apesar de realizada naquele ano, era a decisão do Campeonato Brasileiro de 2020, torneio atrasado em dois meses no calendário oficial devido à paralisação das atividades em decorrência da pandemia de Covid-19. Há cerca de 480 quilômetros da Avenida Padre Cacique, em Porto Alegre, onde o VAR analisava a jogada de Edenilson para concluir que o gol marcado há poucos minutos não seria contabilizado, a torcedora colorada Lidiamara Dornelles de Souza comemorava o lance, em Florianópolis sem perceber a decisão final da arbitragem.

“Na hora do gol, ela começou a pular pela casa, eu nunca tinha visto aquilo. Nem quando as filhas nasceram ela ficou daquele jeito. Ela não olhava mais para a TV, e eu pensava ‘não vou avisá-la sobre o que está acontecendo, acho que ela vai ter um troço’. Ah! E sabe de quem foi a culpa pelo que aconteceu ali no jogo? Minha! Foi isso que ela disse quando viu o impedimento. Ainda foi dormir brava”, conta Rodrigo Dutra, gremista de 49 anos, esposo de Lidiamara.

O desfecho do torneio foi assistido em família, entre o casal e o pai de Lidiamara, Jorge Luiz de Souza, torcedor tricolor. Ao fim do episódio, o trio acompanhou a conquista de mais um título brasileiro do Flamengo, que dependia do empate colorado, no Sul, para sagrar-se campeão daquela temporada. “O Inter dependia só dele, e o meu pai, que é gremista, só fazia comentários, não parava. Parece até que ele era comentarista! O tanto que eu tive que ouvir naquele dia...”, relembra ela. Para o patriarca, que mora em Porto Alegre, a brincadeira também fazia parte do ambiente animado (para alguns) que tomou a casa. “Eu estava em Florianópolis, e a gente estava junto. O Internacional estava para ser campeão brasileiro, então tinha gozação, aquela torcida e a secada básica, sabe?”, brinca.

O lance curioso que marcou a disputa e a conclusão do torneio figura entre os jogos mais marcantes que Lidiamara já viu. No entanto, antes que alguém a aponte como a torcedora mais entusiasmada entre os familiares, ela rebate: “Quem gosta de ameaçar jogar a TV pela janela e fica brabo com o time é o Rodrigo! Fala que vai jogar a televisão no lixo por causa do Grêmio. Ele fica muito mais bravo por causa do futebol do que eu”. O rebaixamento do tricolor, em dezembro de 2021, é um dos momentos que deixaram Rodrigo mais indignado com o clube. Se em fevereiro daquele ano ele comemorava a perda da chance de título do Inter, em dezembro já amargava a terceira queda do seu clube de coração para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. “Aquilo foi inacreditável. Contra qualquer lógica econômica, técnica e administrativa. Impressionante”, relembra ele. Na contramão, Lidiamara afirma que não deu muito valor ao capítulo marcante na história do Grêmio que ocorreu naquele 9 de dezembro. “Eu não tava nem aí. É verdade! Só lembro da minha mãe, que é colorada, me ligando e dizendo ‘Viu? Bem feito para os gremistas!’, e é só nessas horas que eu lembro que existe o Grêmio!”, ri. Rodrigo, por sua vez, não pareceu muito convencido ao ouvir as afirmações da companheira.



Juntos desde 1999,, o casal equilibra momentos de rivalidade e brincadeiras dentro de casa | Foto: Arquivo pessoal

As reações revelam a dinâmica futebolística do casal gaúcho que já experimentou diversas fases como torcedor, cada um à sua maneira. Sentados lado a lado, a dupla recupera memórias num bate-papo descontraído, com uma ou outra intervenção das filhas Laura, de dez anos, e Júlia, de oito anos, durante a conversa. Entre cutucadas e brincadeiras, contam como a história de dois “rivais” no futebol se cruzou.

Nascido em 1973, Rodrigo passou a primeira parte da vida no bairro Cristal, na zona sul de Porto Alegre, jogando futebol nas ruas do bairro, e aproveitando os brinquedos manuais da época. Lidiamara, nascida em 1980, cresceu entre as cidades de Porto Alegre, Cruz Alta e Gravataí. Hoje, aos 42 anos, ela guarda na memória as lembranças da época que ia com o pai aos campos de futebol ou quando brincava na rua com os amigos. Foi ali que nasceu seu amor pelo esporte e o carinho pelo clube colorado. “Os meus tios formavam times de futebol. Eles marcavam jogos entre as equipes e jogavam pela Grande Porto Alegre, iam de excursão. Meu pai era do time dos veteranos, e íamos juntos, passávamos o sábado ou domingo em função disso, com toda a família”.

Para Rodrigo, não houve um momento específico em que se percebeu gremista, já que toda a família materna também é tricolor. Apenas seu pai, José Anania Dutra, era colorado. Assim como Lidiamara, encontrava nos amigos da rua a parceria para brincar e reforçar o interesse por um dos esportes mais famosos do mundo. “O Rodrigo é meu amigo de infância desde os nove anos de idade. Nos conhecemos jogando bola na mesma rua onde morávamos. Uma coisa que me recordo é que ele sempre ia aos jogos do Grêmio, mas nunca fomos ao estádio juntos!”, conta o colorado Douglas Lopez Tomaz.



Rodrigo [em pé vestindo a camisa do time] e o irmão, Diego Dutra, no Rio Grande do Sul, em 1978. | Foto: Arquivo pessoal

Das idas ao estádio, a primeira foi uma das mais marcantes. Aos sete anos de idade, em 1981, ele acompanhou o tio, Bruno Stigger, na final do Campeonato Brasileiro, denominada Taça Ouro. O torneio era dividido em três fases e, na última, os jogos do tipo

mata-mata decidiam quem avançava às fases seguintes até a grande final que, naquele ano, foi travada entre Grêmio e São Paulo. “Lembro de quando o Grêmio foi campeão brasileiro pela primeira vez. Tinha gente pendurada para tudo que é lado no Olímpico! Eu era criança, estava muito cheio, e numa época que não passava muito futebol na TV, então era mais difícil de acompanhar. Aprendi a gostar de futebol naquele estádio. É uma questão de vivência, para mim”.

Naquele mesmo ano, Lidiamara, com apenas um ano de idade, ainda não entendia o que era torcer para um clube de futebol, mas já podia acompanhar as vibrações da mãe, Lígia Dornelles, colorada “doente”, como a família a define, comemorando as vitórias e sofrendo nas derrotas do Internacional. “Olha, não sei exatamente o porquê de eu ser colorada, mas tem uma influência da família da minha mãe, que é bem fanática. Meu avô chegava a passar mal. Na casa da minha avó, tinha até uns bonecos gremistas pendurados! Acho que vou até trazê-los aqui pra casa, Rodrigo!”, brinca.

Entre idas e vindas das cidades que morou, Lidiamara criou raízes na Grande Porto Alegre aos nove anos de idade. No início da adolescência, o reflexo do amor pelo futebol herdado da família começou a influenciar a menina que, inclusive, passou a consumir o conteúdo por meio da assinatura da revista *Placar*. “Lembro que pedi pro meu pai a assinatura, numa época que o Inter estava bem e que comecei a frequentar o estádio. Eu tinha a *Capricho* e a *Placar!*”. Entre as amigas da época, recorda ser uma das únicas interessadas em esportes.

“Eu só não jogava, até porque nem tinha esse incentivo de futebol feminino. Digo que me inspirei na minha mãe e na minha avó torcendo. Na escola, por exemplo, se tinha olimpíada, os meninos iam jogar futebol e as meninas, vôlei ou handebol”. Ela encontrava na família a parceria para desfrutar do interesse pelo esporte que ainda era encarado como masculino. Dentro de casa, o pai representava – e ainda representa – a figura familiar ‘antagônica’ quando o assunto é futebol. Ele é o único que torce pelo Grêmio e, mesmo assim, não deixou de apoiar Lidiamara e Alesander Dornelles, o filho caçula, no gosto pelo futebol e pelo rival. As primeiras vezes da dupla de irmãos no estádio Beira-Rio eram sempre acompanhadas pelos pais e outros membros da família.

No entanto, a casa colorada não foi o primeiro estádio que Lidiamara conheceu. Da época de vivência em Cruz Alta, ela recorda algumas idas à casa do time da cidade, o Guarani de Cruz Alta, mas garante que a experiência não a fez optar pelo clube e, para ela, o Grêmio

também nunca foi uma opção. “Não tem nem o que dizer. Sempre falo para o Rodrigo que eu não consigo assistir ao Grêmio. É o único time do mundo que eu não escolheria, mesmo tendo um pai gremista!”. Para a mãe, Lígia, a relação da filha com o Inter começou ainda na barriga. “Em 1979, eu estava grávida de três meses da Lidiamara e fui assistir, pelo Campeonato Brasileiro, a final entre Inter e Vasco da Gama. Fomos tricampeões naquele domingo e, até hoje, não esqueço desse dia. Essa é uma história com o clube que me marcou!”. Lígia também é mãe do gremista Andrey Dornelles, de 17 anos, fruto do segundo casamento.

Uma grande família

Se durante a infância a família de Lidiamara respirava futebol, a de Rodrigo não se ligava tanto.

- Ah, a minha mãe nem sabe que futebol existe. Bom, até sabe, mas não tem muita noção da coisa. Na prática, ela torce pra ninguém.

- Não, não! Hoje ela torce para o Inter porque um dos irmãos do Rodrigo é colorado!, denuncia Lidiamara.

Sem o estímulo familiar, na adolescência Rodrigo passou a frequentar sozinho o estádio do seu clube de coração, aproveitando da maior liberdade que a nova fase, a partir dos 15 anos, lhe trazia. “Eu ia de ônibus, muitas vezes sozinho. A época tinha regras menos severas e, mesmo menor de idade, eu entrava no estádio. Dessas idas, me lembro da final da Copa do Brasil, com o Cruzeiro campeão. Choveu demais, eu estava na arquibancada vendo o jogo com o guarda-chuva aberto!”.

Da grande família que se formou após a união com Lidiamara, o que poderia tornar-se uma rivalidade acirrada pela convivência, não aconteceu. A relação com a sogra, por exemplo, sempre manteve tons respeitosos e dentro dos limites da brincadeira, bem como o próprio casal, que repete a dose dos pais de Lidiamara com relação à torcida pelos clubes distintos.

- A minha sogra não implica, e olha que ela é mais colorada que a filha dela, garante Rodrigo.

- Ela não fala na frente, só dá risinho pelas costas!, rebate Lidiamara, aos risos.

Lígia, ao observar a relação do casal, compara a dupla com a sua antiga parceria com Jorge. “Eles não têm rivalidade. São parecidos comigo e com o pai dela, éramos parceiros até para ir ao Beira-Rio, mesmo ele sendo gremista. Tive dois casamentos e dois esposos gremistas, e com o pai da Lidiamara foram 28 anos tranquilos. Com o segundo, foram 18 anos de rivalidade total!”.

Quem observa a união que já dura 23 anos, não imagina como tudo começou. Longe do futebol, Lidiamara e Rodrigo se conheceram no trabalho, quando ela, aos 19 anos, ainda cursava Administração Hospitalar, na Unisinos, e ingressou no estágio da chamada Cassi (Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil), operadora de autogestão em saúde. Na época, Rodrigo, aos 26 anos, era auxiliar administrativo na empresa e responsável pela aprovação do trabalho dos estagiários do espaço.

- Ele sentava na minha frente, e a gente [estagiários] implicava muito com ele. Tinha até uma lenda do departamento de que ele ficava com todo mundo, mas ninguém nunca viu nada! No fundo, achávamos que ele devia ser noivo ou algo do tipo, até que, uns meses depois, no casamento de um colega, nós ficamos.

- Ah, eu jamais implicaria com ela, nem por causa de futebol. Ela cuidava muito bem de mim. Aliás, o meu horário de trabalho era muito bom, dava tempo de sair de lá e ir para os jogos.

Com o tempo, Rodrigo saiu da Cassi e, anos depois, retornou. Neste período fora da operadora, um dos trabalhos que realizou estava diretamente ligado ao clube rival: a venda das carteirinhas de sócio-torcedor. Entre os anos de 1996 e 1997, ele circulava pelas redondezas do estádio Beira-Rio para promover a venda dos cartões de sócio do clube, intitulado *Vida Colorada*.

– Ele não saía do estádio do Inter!, resume a esposa.

– Eu assisti muitos jogos do Inter, mesmo, e me diverti muito assistindo aquele time ‘maravilhoso’ do Internacional!

Desde o fim da década de 1990, o namoro se fortaleceu, equilibrando a relação como casal e como torcedores. Lidiamara garante, inclusive, que sempre foi uma “boa colorada”. “Até deixava ele assistir tudo, ir para o estádio. Comprei o sócio-torcedor do Grêmio para ele

assistir tudo tranquilamente!” brinca. “É, mas ir ao estádio e ver o time um do outro depois de ficarmos juntos, não. Isso aí não é possível”, destaca Rodrigo. A relação futebolística com a família da esposa ficou mesmo por conta do sogro, Jorge, que vê em Rodrigo um aliado para tentar igualar o número de gremistas e colorados na família. “O Rodrigo chegou na família como mais um gremista, mas eu só fui saber disso depois de um tempo. Ele é fanático, mas é um cara que sabe respeitar, e eu estava numa casa só com colorados! Foi um parceiro que apareceu para me ajudar nessa batalha, diminuir essa diferença”, diz o sogro.



Lidiamara, Rodrigo, Laura, Júlia, Nara, Alesander e Jorge dividem o amor pelo futebol, apesar da rivalidade esportiva na família | Foto: Arquivo pessoal

Para Lidiamara, pai e marido se encontraram ao dividir a paixão pelo mesmo clube. “Quando junta ele com o meu pai, é ainda pior! O meu pai estava sempre isolado, mesmo, porque nem os filhos torceram para o Grêmio, aí ele assistia aos jogos sozinhos. Particularmente, eu acho que para eles é mais divertido ver um jogo do Inter do que do Grêmio, e olha que nem eu assisto mais aos jogos do Inter!”, diz, para discordância do esposo.

– Hoje ela não quer mais, começa a ver o time dela, aquela porcaria, aí fica nervosa. Ah, e acontece um fato que é estranho, mas é verdadeiro: se está passando um jogo do Inter e eu ligo a TV, o Inter toma um gol. Aí ela fica brava como se eu fosse culpado!.

– Não, não. Me estressa porque eu não ligo a TV para assistir o jogo do Grêmio e ficar secando, mas ele liga a TV para torcer pro adversário do Inter! Eu acho que deveria ser cada um no seu quadrado.

– Que coisa mais sem pé nem cabeça! Tu achas que eu me programo para ver o jogo do Internacional? Isso não existe, né?!

– Se programa, sim. Às vezes, ele chega do trabalho e diz: ‘ah, tu não tá vendo o jogo do teu time?’. Eu nem sei que o meu time tá jogando! Mas ele sabe!

– Isso é porque eu fui avisado no trabalho de que teria jogo!

Em meio a conversa, surge o questionamento: Quem é o mais implicante do casal? Imediatamente, um aponta para o outro. No entanto, Lidiamara garante que hoje é menos colorada do que na época de adolescência, quando frequentava o estádio e convivia mais de perto com parentes e amigos torcedores. Para Rodrigo, que passou a “frequentar o clube” no Olímpico e segue acompanhando-o com visitas esporádicas à Arena do Grêmio, o sentimento se manteve.

Um grenal sob o mesmo teto

Em 2005, a vida a dois deu um novo e importante passo: o casal passou a morar junto e, em seguida, viria a saída de Porto Alegre rumo a Florianópolis, em 2008, quando Rodrigo, já formado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi aprovado em concurso para ocupar a vaga de auditor do estado de Santa Catarina. Na época, Lidiamara havia trancado o primeiro curso na faculdade e transferido a matrícula para a graduação em Nutrição. Em junho daquele ano, ele se mudou para a capital catarinense, enquanto ela terminava a fase de estágio e organizava sua mudança para dezembro.

Há 14 anos na Ilha, as percepções dos gaúchos sobre o local foram se afirmando com o passar do tempo. “Os costumes e as rotinas mudaram. E, quanto à rivalidade, não vejo muita diferença, tem muito gaúcho aqui. Talvez tenha diminuído um pouco, até porque tem pouco colorado aqui em relação ao número de gremistas, mas já estamos acostumados”, se diverte Rodrigo. “Quando estamos lá [em Porto Alegre] em dia de jogo, nós vemos mais as

pessoas com camisas de time, mais ansiedade no pré-jogo, e tem o impacto da mídia local também. Acho que perdemos um pouco disso aqui”, analisa Lidiamara.

Para manter o vínculo com o clube, Rodrigo garante que esteve em todos os jogos decisivos do Grêmio desde a mudança. Em 2016, após um período de 15 anos do Grêmio sem títulos, com exceção dos campeonatos estaduais conquistados, programou-se para acompanhar a final da Copa do Brasil, entre Grêmio e Atlético Mineiro, em Porto Alegre. “Fui sozinho, sai daqui às 6h da manhã, eu e mais trezentas pessoas no avião, só gremistas. Lá, encontrei o pessoal por volta de 13h, bebemos até a hora do jogo. Depois, bebemos mais e, às 5h da manhã do dia seguinte, peguei o avião e voltei. Isso é tudo que eu lembro!”, ri.

A frequência das idas a Porto Alegre diminuíram com a chegada das filhas, Laura e Júlia, afinal, a logística e o custo de uma viagem para quatro pessoas é muito maior, conforme explica a dupla. Atualmente, a família visita a capital gaúcha cerca de duas vezes ao ano. Em julho de 2022, o pai levou as duas meninas para assistir a partida entre Grêmio e Ponte Preta, vencida por dois a um pelo tricolor. As crianças, apesar de já frequentarem a casa gremista desde pequenas, não são muito ligadas ao esporte. “A Júlia gosta um pouquinho mais, e tem mais carinho pelo Grêmio. Eu fiquei meio decepcionada na primeira vez que ela falou, né, mas está tudo certo”, diz Lidiamara.

Em relação às referências dentro de casa, é possível assegurar que as crianças são mais influenciadas pelo pai, que possui camisas e uma almofada “especial” do tricolor em casa, enquanto a mãe preserva o único copo personalizado do Internacional. “Sempre ganhei camisetas e a Lidiamara contribuiu com várias! Também tenho uma almofada de uma vida inteira, de couro, nas cores tricolor. Peguei na final da Copa do Brasil de 1989, era do cara que estava na minha frente, as pessoas levavam para sentar no estádio. Acabou o jogo, o Grêmio ganhou e o cara saiu correndo! Ele não voltou, aí fiquei com ela”, relembra Rodrigo. As cores do Grêmio são as que mais predominam na casa. “As meninas tinham olimpíada na escola e o time delas era o Japão, e não tinha nada de vermelho e branco para botar nelas. O Rodrigo, mesmo, nem usa vermelho, e as minhas cores favoritas são azul, preto e branco, logo as cores do Grêmio!”, revela a esposa.



Rodrigo, Júlia e Laura, em agosto de 2020, durante a pandemia de Covid-19 | Foto: Arquivo pessoal

Há mais de duas décadas juntos, o casal aprendeu a lidar com o modo torcedor de cada um, até mesmo nos clássicos. A chamada “semana grenal”, como foi batizada a semana em que ocorre um clássico entre Grêmio e Internacional no Rio Grande do Sul, não se torna um evento na casa da família, além de dividir opiniões sobre a importância do jogo. “Eu não gosto de grenal, para falar a verdade. Acho um clima meio estranho, é um jogo que tudo pode acontecer. Não importa se um time está bem e o outro mal, pode sair qualquer resultado”, comenta Lidiamara. “É só um jogo de futebol!”, rebate Rodrigo. “Um grenal, para mim, não muda muito a programação, até porque ela tem medo de assistir, e as meninas não são muito ligadas”, conclui.

Para os dois, os clubes e a própria rivalidade alimentam a ligação com o Rio Grande do Sul e, mais especificamente, com Porto Alegre. “Os clubes são elos fortes. Isso é o que me liga ao estado hoje, por exemplo, por isso ainda sou sócio do Grêmio e vou uma vez por ano à Arena”, explica ele. Lidiamara concorda. “Também vejo como ligação, mas mais pela lembrança da questão do gaúcho, lembrar-se dessa dualidade, dessa rivalidade, sempre uma coisa que não te deixa em cima do muro”.

Pé na estrada: rumo ao Grêmio

Michelle Garcia

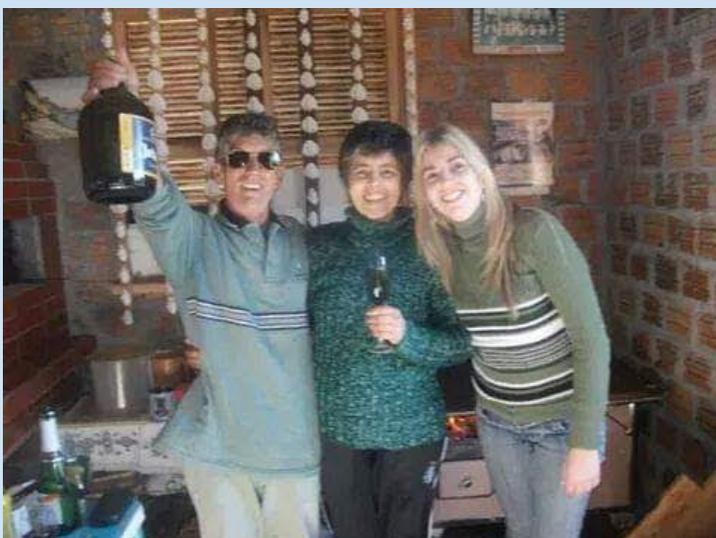
“Por que você tá dando a sua opinião? Lugar de mulher é na cozinha!”, disse um torcedor do Flamengo, em meio à uma turma de torcedores de diversos clubes sentados à mesa no bar Querubim, na Lagoa da Conceição, num domingo de 2010. A frase, endereçada à Michelle Garcia, única mulher na roda, instaurou o silêncio dos demais presentes, mas não dela, que, prontamente, retrucou: “O meu lugar é onde eu pago minhas contas, e fico onde eu bem entender!”. Nenhum dos presentes se animou a endossar um lado da discussão, nem mesmo o flamenguista que, após a resposta, calou-se. O restante dos clientes do bar parecia alheio às alfinetadas que surgiram, já que o pano de fundo para o encontro era as últimas rodadas do Campeonato Brasileiro daquele ano.

Minutos após a troca de farpas, para que o clima não ficasse tão pesado na mesa de Michelle, um dos rapazes retomou o assunto anterior, enquanto outro comentou algum lance de um jogo e, assim, veio o sossego dos ânimos. “Ninguém falou nada, nem ele me replicou. Foi o fato mais marcante sobre questões de machismo que passei por causa do futebol, e foi bem típico. A frase mais típica. Ele não me pediu desculpas. O fato de ninguém ter me defendido não me machucou, eu nem esperava isso. Acho que por nunca precisar que alguém me defendesse, eu me impus”, lembra.

Aos 40 anos, Michelle, inclusive, sabe que é vista como uma mulher que “quebra parâmetros”, mas não sem enfrentar boas doses de questionamento ou olhares tortos. Antes mesmo de ser insultada na mesa do bar por um conhecido naquela tarde de domingo, ela já era declaradamente gremista e interessada por futebol desde criança, herança do pai, Norberto Oliveira, hoje com 68 anos. O fanatismo e o apreço pelo futebol e pelo Grêmio surgiram em meio à infância no bairro Getúlio Vargas, em Rio Grande, no interior do Rio Grande do Sul. A preferência foi reforçada, ainda, pelos amigos com quem brincava. “Os meus amigos eram todos meninos, então, eu brincava de ‘coisa de menino’. Eu estava sempre na rua, com brinquedos manuais, jogava taco, bolinha de gude, pega-pega e futebol. Vivia com o joelho ralado, machucada, e eu lembro que a minha avó materna me cobrava muito: ‘tu és uma menina, não pode ser assim!’, ela dizia, mas, para mim, eu estava só brincando”. Na contramão, encontrava no pai o apoio para gostar do que quisesse, e foi assim que a “sementinha gremista” foi plantada.

Fosse no inverno rigoroso do Sul do Brasil ou no calor escaldante que pode, sim, influenciar um estado conhecido pelas baixas temperaturas, Michelle e Norberto tinham compromisso marcado nos dias de jogo do Grêmio: ligar a televisão e aninhar-se na cama ou no sofá para assistir os times do tricolor que se formaram entre as décadas de 1980 e 1990. Com atenção voltada aos ídolos Danrlei, Paulo Nunes e Jardel, o domingo tornou-se sagrado para a dupla, mesmo que, ora ou outra, ela, ainda pequena, precisasse de explicações sobre o que era cobrar uma lateral, bater um escanteio ou o porquê da marcação do tradicional impedimento. “Me lembro muito dos invernos, era muito frio, e a gente assistia aos jogos enquanto estávamos deitados, aí ele ia me explicando as coisas. Ele me ensinou toda a regra do futebol e, por isso, eu sempre soube o que é impedimento!”.

A mãe de Michelle, Lesbia Oliveira, de 56 anos, também é gremista, mas reconhece que a filha puxou o fanatismo do pai. “Eu cresci numa família de colorados. Mas aos 14 anos comecei a amar o Grêmio por influência do meu marido. A Michelle sempre esteve com a gente, torcendo e vendo os jogos. Com a influência do pai, ela também se tornou uma gremista”, explica Lesbia.

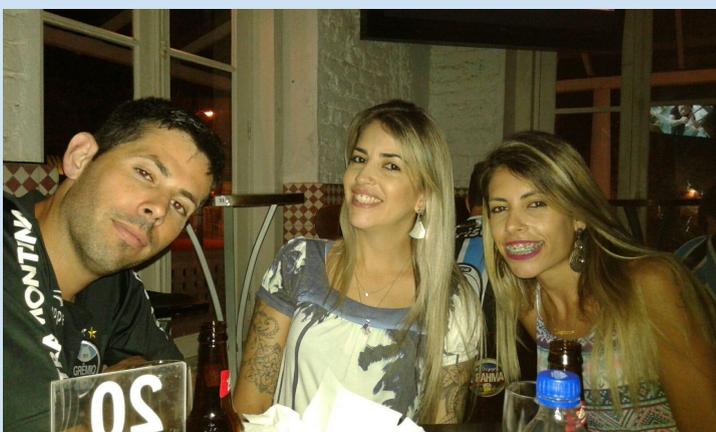


Após mudança para Florianópolis, Michelle viajava para encontrar Norberto e Lesbia. Foto de 2010, em Rio Grande | Foto: Arquivo pessoal

Hoje, para acompanhar o tricolor, ela não desfruta mais das cobertas ou das explicações do patriarca da família. Morando em Florianópolis há 13 anos, Michelle é funcionária de uma lanchonete no Norte da Ilha e trabalha no período noturno. Ali, acompanha, pela televisão do estabelecimento, alguns dos jogos do Grêmio, enquanto divide a atenção entre os lances do jogo e a administração do caixa do local.

No entanto, antes de deixar o Rio Grande do Sul, ao fim da década de 2000, ela deixou a própria “sementinha” gremista no estado – mas se engana quem pensa que esta figura está representada por um filho ou filha. Aos 12 anos, Michelle se mudou da casa dos pais para morar com os avós Belga, de 70 anos, e Wolnei Garcia, de 75, ambos colorados, no centro da cidade, para ficar mais perto do colégio onde estudava. Na casa, viveu ainda com o tio, Wolnei Junior, quatro anos mais novo, que também tornou-se torcedor tricolor, após influência da sobrinha. “Meus pais são colorados e sempre me deram roupas do Inter quando bebê, mas só tenho lembrança de torcer pro Grêmio”, conta Junior.

Com parte da infância e da adolescência vividas juntos, os dois se vêem como irmãos, e daqueles que aprontaram bastante nos primeiros anos de vida. Prova disso é que, para ver os jogos do clube quando não eram transmitidos pela televisão, a dupla se dirigia sempre para o mesmo destino: o bar. “Quando éramos pequenos e os jogos não passavam na TV aberta, tínhamos de sair de casa para assistir. Éramos muito novos, mas também era outra época, então dava para fazer esse tipo de coisa. Íamos num bar, à noite, no centro da cidade, e lembro de ver o grenal [jogo entre Grêmio e Internacional] da final do Gauchão de 1997. O lugar estava muito cheio, e era só gente mais velha, então assistimos direto da calçada, ao lado de uma das portas de entrada. Voltamos para casa arrasados com a derrota do Grêmio”, conta Junior. Mas nem sempre foi tristeza. Numa dessas escapadas de casa, a dupla acompanhou as conquistas do Campeonato Brasileiro de 1996 e da Copa do Brasil de 2001. Atualmente, Junior passa para o filho, Eduardo Garcia, de cinco anos, o amor pelo time e, mesmo mantendo o contato com Michelle, os dois não frequentam mais bares para assistir aos jogos do clube.



O tio Wolnei Junior, Michelle e a irmã Stephanie, reunidos em 2017 | Foto: Arquivo pessoal

A época de convivência com os pais, os avós, o tio e a chegada dos irmãos, Stephanie Garcia Oliveira e Rod Stewart Garcia Oliveira – que carrega o nome em homenagem ao cantor e compositor britânico – ficou marcada como a “primeira fase” do gremismo de Michelle. Aos 20 anos de idade, eles deixaram de ser suas únicas referências familiares, já que, jovem, Michelle se casou com Rodrigo Ferreira, gaúcho que optou por torcer pelo time do Corinthians. A relação, que durou nove anos, teve dentre os momentos mais emblemáticos o distanciamento entre ela e o clube do coração, muito em função das atitudes de desinteresse do ex-marido sobre as vontades dela.

“Durante meu casamento, meu gremismo era limitado a assistir aos jogos pela TV. Eu não tinha essa brecha de poder ir num jogo. Já havia grupos de excursões para Porto Alegre e eu falava para o Rodrigo sobre isso, o convidava, mas eu sabia que não iríamos. Com a relação que eu tinha, não cabia ir sozinha numa excursão só com homens, sei que não seria bem visto”. Apesar de nunca ter ouvido nenhum tipo de represália do ex-esposo, também não encontrou na relação algum incentivo ou parceria para viver o clube como gostaria, o que gera, até hoje, arrependimentos. “Devia ter me posicionado, ter tido maturidade e pulso de ter ido [viajar em excursão]. Se voltasse àquela época, teria feito diferente”.

Apesar dos desentendimentos, a relação lhe trouxe bons frutos e novos ares. Em 2009, após uma mudança profissional do ex-marido, que deixou o Sul para trabalhar em São Paulo, Michelle, que optou por não trocar Rio Grande por Jaú, nova cidade de Rodrigo, precisou fazer a seguinte escolha: Florianópolis ou Porto Alegre? Se, por um lado, uma abrigava o Grêmio e o aeroporto Salgado Filho, a outra era dona de belas praias e do aeroporto Hercílio Luz, sendo o acesso aos voos o critério principal estipulado pelo casal para a mudança de cidade dela. A intenção era facilitar o encontro nas horas livres, já que a chegada até Rio Grande exigia mais horas de viagens e diferentes meios de transporte.

Em 11 de janeiro de 2009, ela chegava a Florianópolis para, na sequência, conquistar uma vaga de emprego em um mercado e um espaço para moradia. Rodrigo também havia deixado Jaú para morar na capital catarinense, em março do mesmo ano, mas ainda sem emprego fixo. No fim de 2010, o casal se separou definitivamente, e é aí que Michelle garante ter tido uma virada de chave na própria vida: “A melhor coisa do meu relacionamento com o Rodrigo foi ter vindo morar em Florianópolis! E também foi após o meu término que eu pude viver o Grêmio”.

Apesar de considerar a separação benéfica, os primeiros momentos foram mais complicados, afinal, os anos juntos haviam acabado e era hora de procurar novos rumos. Para aliviar a cabeça, nos horários de folga do trabalho, ela se dirigia ao bar Querubim, na Lagoa da Conceição, perto do mercado em que trabalhava, para ver gente nova e assistir aos jogos de futebol que passavam nos televisores espalhados pelo local. Ali, conheceu torcedores de diversos outros clubes, além do garçom Dinei, a quem recorda com carinho. “Eu chegava lá sozinha, mesmo, e já perguntava ‘Dinei, em qual TV vai passar o Grêmio?’ e ele me apontava ‘Naquela ali, Mi’, aí eu já tomava o meu lugar na mesa mais próxima. Ele até chegou a me impedir numa briga! Tinha uma colorada tirando sarro do Grêmio, e eu fiquei muito irritada. Mas aí o Dinei me acalmou, pôs a mão no meu ombro e disse que já tinha pedido para ela parar com as provocações”, relembra. As discussões, inclusive, são lembradas pelos amigos que ela conheceu durante o aflorar do sentimento como torcedora. “Desde o começo eu sabia que ela era fanática pelo Grêmio. Estava sempre com camisa, defendendo o time onde quer que ela fosse, seja no trabalho, até nas discussões com colegas, ou na rua, mesmo!”, conta Ederson Arenhardt, de 38 anos, amigo de Michelle. Do fim de 2010 até o inverno de 2012, o único contato com o Grêmio era pelas transmissões televisivas.

Num desses horários de folga do trabalho, após o almoço, Michelle descansava e, para passar o tempo, vasculhava o Facebook. De repente, o algoritmo da rede social trouxe uma recomendação que lhe chamou atenção em meio aos conteúdos, em sua maioria do Grêmio, que passavam na tela: um anúncio patrocinado com informações sobre o Consulado Grêmio Florianópolis, um grupo de torcedores que até então ela desconhecia.

“Eu tinha duas horas de intervalo no trabalho, dava para almoçar e descansar. Eu procurava coisas do Grêmio no Facebook, mas eu não procurei pelo Consulado, acho que o algoritmo me recomendou. Comecei a seguir a página ali, aquilo caiu no meu colo!”, se diverte. No tempo que lhe restava de descanso, aproveitou para se inteirar mais sobre a página e conhecer um pouco dos integrantes, mas logo retornou às atividades no mercado. Nos dias seguintes a curiosidade sobre o grupo foi aumentando e, então, deu início às primeiras interações, via chat, com os torcedores da comunidade digital. Depois, começaram os encontros, as novas amizades e chegaria, também, o passaporte para as relações amplificadas com o Grêmio e os novos amigos.

Família tricolor

Naquele mesmo 2012, o grupo já se reunia na casa do ex-presidente do Consulado, Paulo Cezar Sponchiado. Ali, realizavam jantares e assistiam aos jogos numa reunião de gremistas que juntava entre 40 a 50 pessoas, que pagavam uma quantia para auxiliar nos gastos da comida. As confraternizações eram feitas na área de churrasqueira da casa, no bairro Trindade, na capital. “Na primeira vez que fui, me mandaram o endereço da casa e eu não sabia onde era. Fui sozinha, de ônibus, até o TITRI [Terminal de Integração da Trindade], e o Sponchiado foi da casa dele até lá para me buscar”. Apesar de não conhecer as pessoas do grupo pessoalmente, garante: “Nunca tive medo ou receio, não sei se por eles estarem expostos na rede social, em uma página que era bem vista, mas nunca passou na minha cabeça qualquer tipo de medo”.



Caroline Roberto, Paulo Cezar Sponchiado, Michelle, Leonel Bagolin e Ângelo Bagolin se reuniram para rever, pelo YouTube, a inauguração da Arena do Grêmio | Foto: Arquivo pessoal

Ao chegar na casa, Michelle se encontrou. No entorno da piscina da residência de dois andares que ficava numa das ruas íngremes do bairro localizado ao pé do Morro da Cruz, os gremistas trajados com a camisa tricolor chegavam para tomar seus lugares nas cadeiras espalhadas pelo ambiente para assistir ao jogo. Entre homens e mulheres de várias idades, incluindo crianças, o local se tornou receptivo para a novata que, até então, não tinha referências de família na cidade. “Parecia uma família em que cada membro ia chegando. Me lembro que eu ia para ver jogos que acabavam às dez da noite ou, às vezes, à meia-noite. Eu

chamava um táxi para voltar para a Lagoa, onde eu morava, ou ia de carona com algum dos meninos que estava por lá”.

Até dezembro daquele ano, os encontros da turma de amigos do Facebook e os bares eram o *point* para assistir ao Grêmio em campo. Se morando no Rio Grande do Sul não havia possibilidades para ir até a capital gaúcha para ver time no estádio, não seria em Florianópolis que essa vontade se concretizaria, por questões de praticidade – pelo menos era o que parecia mais lógico para Michelle, com 32 anos à época. Em meio aos burburinhos que sucederam a despedida do estádio Olímpico e a transferência dos jogos do clube para a Arena do Grêmio, que seria inaugurada no fim daquele ano, o grupo de gremistas já organizava uma ida ao novo estádio tricolor, sem que Michelle soubesse. Numa madrugada, por acaso, ela soube da oportunidade. “Já era tarde da noite, e eu estava conversando com o meu amigo, Leonel, pelo chat do Facebook, estávamos falando sobre o Grêmio. Aí ele me perguntou se eu iria na inauguração do estádio, e eu comecei a rir, né? Disse que era impossível, e ele me perguntou o porquê. Expliquei que eu não era sócia do clube, não tinha dinheiro, e achava que seria muito caro. Nisso, ele me disse que o irmão dele, o Ângelo, estava organizando uma excursão para a ida”.

Naquela mesma noite, ela fechou a primeira viagem para ver o Grêmio de perto. A primeira de muitas, pois já perdeu a conta de quantas partidas acompanhou presencialmente. Pelo valor de R\$300 à época, garantiu a viagem de ônibus e a entrada no estádio no dia 8 de dezembro de 2012.



Em 8 de dezembro de 2012, Michelle viajou rumo à primeira experiência junto ao Grêmio, aos 32 anos | Foto: Arquivo pessoal

No ônibus fretado para o grupo, só expectativas. Para quem cresceu há cerca de 300 quilômetros do estádio Olímpico Monumental, o qual nunca conheceu, era hora de ficar frente a frente com uma arena multiuso com capacidade para cerca de 55 mil pessoas. Até então, Michelle havia se contentado, durante a infância, a acompanhar apenas as partidas dos times da cidade, o *Sport Club São Paulo* e o *Sport Clube Rio Grande*, nos estádios do município interiorano. Naquele dia, com os olhos vidrados na Arena do Grêmio, tudo mudaria. “Minha primeira vez num estádio grande. Era muita gente e um calor insuportável de dezembro. Tudo era novidade, até a organização era surreal. Era muita expectativa pra entrar, com uma fila enorme. Lá dentro, era tudo lindo, novinho, azul, preto e branco. A maioria das pessoas choravam, inclusive eu!”.

Dentre os detalhes que marcaram esse dia, a retirada de ingresso no estádio Olímpico ficou na memória, mas de um jeito diferente do que se recordam muitos dos gremistas. Já que nunca havia ido à antiga casa do tricolor, Michelle revela que não sentiu a tristeza de muitos torcedores com a troca de “casa” do time. “Até o dia 8 de dezembro de 2012, o Grêmio era o time da TV, que eu via na infância. Essa grandeza, pra mim, começa na Arena”.

Um só destino

Dez anos depois, a experiência como viajante se tornou rotina e, para isso, foi necessário criar o próprio ritual pré-viagem. Após deixar o trabalho por volta de 1h da manhã, Michelle corre contra o tempo para chegar em casa, tomar banho, jantar e tentar desfrutar de algumas poucas horas de sono, já que as viagens partem de Florianópolis por volta de 5h. A escolha pelas roupas confortáveis e pela maquiagem antecede à ida, de carona, até o ônibus, que embarca os torcedores para encarar cerca de seis a sete horas de viagem. “Gosto sempre de levar travesseiro e cobertinha, pois o soninho no ônibus ajuda bastante e é muito necessário!”, destaca.

Após o casamento e o tempo sem realizar o sonho de ir a um jogo, ela afirma que, sim, no início, houve receio de embarcar para as viagens, uma vez que a maioria dos integrantes são homens e ela sempre viaja sozinha. Michelle ainda revela que, desde 2012, já são incontáveis as excursões em que participou, mas que a segurança e as amigas que

consolidou entre os trajetos e as arquibancadas garantem a tranquilidade que procurava desde o princípio.



Michelle afirma que não usa a cor vermelha, seja nas roupas ou até mesmo nas unhas | Foto: Arquivo pessoal

A nova família que formou em Florianópolis, no entanto, não substitui sua família de sangue. De uma forma ou outra, Michelle busca fazer com que seus pais sempre estejam presentes. Em 2016, por exemplo, durante a final da Copa do Brasil entre Grêmio e Atlético Mineiro, ela estava na Arena e fez uma chamada de vídeo com a mãe, em Rio Grande, durante a partida. A vontade de ir aos jogos com os pais e poder aproveitar do sentimento que herdou da família, esbarra nas negativas do casal que prefere assistir aos jogos de casa. ‘Não me magoa, mas eu queria muito viver isso com eles. Acho que eles não querem mais se deslocar’.

Assim, o sentimento é de gratidão pelos pais e pelas oportunidades que apareceram. “Pode ser que o meu amor pelo Grêmio tenha surgido por conta da idolatria que eu tinha pelo meu pai, por querer ser igual a ele, e eu achava tão bonito ver ele torcendo. Mas, hoje, é uma coisa minha, um fanatismo meu, ninguém me tira. E, talvez, se eu tivesse escolhido Porto Alegre, há dez anos, mesmo estando mais perto da Arena, não teria acontecido tudo o que aconteceu”.

“Desde cedo, me ensinaram a te seguir”

Gabriel Felice

A noite gelada de Porto Alegre ganhou ares cinzentos de fumaça no domingo de 30 de julho de 2006. No auge do inverno gaúcho, Internacional e Grêmio se enfrentavam pela 14ª rodada do Campeonato Brasileiro daquele ano, no clássico de número 366. Embora estivessem em campo larley, atacante colorado, e Tcheco, meio-campista gremista, o foco dos 33.251 presentes no estádio Beira-Rio, a “casa” do Inter, passou longe dos gramados. A atenção de todos se voltou para os banheiros químicos que foram arremessados pela torcida tricolor rumo ao fosso que cercava a área de jogo - retirado após a reforma do espaço entre os anos de 2012 e 2014 - e, em seguida, incendiados.

Para conter os ânimos dos torcedores, que já adentraram ao Beira-Rio exaltados após registros de agressões entre gremistas e colorados do lado de fora do estádio, a polícia utilizava gás de pimenta e escudos de proteção contra as pedras arremessadas pela torcida. Os itens de defesa ainda foram emprestados aos socorristas do Corpo de Bombeiros, acionados para apagar o fogo que se alastrava pela lateral do campo enquanto os banheiros químicos eram derretidos pelas chamas. Em meio à fumaça, o jogo se desenrolava no gramado, numa tentativa do árbitro Wilson Luiz Seneme de distrair o público. A partida só parou quando o Corpo de Bombeiros entrou em ação, sendo retomada após o cessar da confusão.

"Lembro de achar que eu ia morrer. Eu gritava que nunca mais veria minha mãe. A torcida do Inter não queria deixar ninguém sair do estádio, e o meu pai queria me tirar de lá. A Brigada Militar teve que intervir para podermos sair. Para mim, foi aterrorizante, eu não tinha dimensão do que estava acontecendo. Na minha cabeça, eu morreria ali, quando vi um monte de fumaça e depois o jogo parou", relembra Gabriel Fagherazzi Felice, torcedor do Grêmio que estava na arquibancada durante o clássico grenal – como são chamadas as partidas entre Grêmio e Internacional – que ficou conhecido como “o grenal dos banheiros”.

A lembrança é sua primeira recordação de criança ligada ao futebol. Na época, Gabriel tinha quatro anos e, naquele dia, estava presente no setor visitante do estádio localizado na avenida Padre Cacique. “Não lembro de nada antes disso como torcedor”, comenta. Hoje, aos 20 anos, garante que, apesar do susto, o episódio não interferiu no amor que sente pelo Grêmio e sua torcida, mas nunca mais voltou ao estádio do rival para assistir

uma partida de futebol. “Meu pai teve consciência de que levar uma criança gremista para ver um grenal no Beira-Rio não era muito seguro”, conta, aos risos.

Apesar de marcante, essa é apenas uma das lembranças que compõem a memória do menino que viveu até os 13 anos no bairro Jardim Isabel, zona Sul de Porto Alegre, há cerca de 10 quilômetros do estádio Olímpico, antiga casa do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no bairro da Azenha. Hoje, o aluno da segunda fase do curso de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) reside em Florianópolis, e lembra que, apesar da rotina agitada que vivia na capital gaúcha, era possível desfrutar de uma infância plena pelas ruas da região onde morava. “A vida em Porto Alegre é de cidade grande, mas eu considero que vivi numa região e época seguras. Eu brincava na rua, andava de bicicleta e jogava bola”. Entre a gama de esportes que praticava, passou pelo judô, tênis e futebol, mas foi no vôlei que se destacou. “Pensei em me profissionalizar no vôlei e não no futebol, porque eu não era muito habilidoso com os pés, mas era o único esporte que eu assistia e acompanhava”.

Em meio às recordações, o “gremismo” figura entre as principais características de Gabriel e do pai, Felipe Felice, herdado da avó paterna, Isabel Marília Brettas Felice, quem “plantou” a torcida pelo tricolor em meio à uma família de colorados.

“Minha mãe é gremista”, destaca Felipe, empresário de 39 anos, e explica: “Quando eu soube que ela era gremista, por volta dos seis anos de idade, decidi ser também. Após a Copa do Mundo de 1994, na qual o Brasil foi tetracampeão mundial, passei a acompanhar muito o futebol e assistir a todos os jogos do Grêmio”. Para Gabriel, o fato da avó ser a única tricolor em uma casa “vermelha e branca” foi a virada de chave para as gerações seguintes optarem pelo azul, preto e branco, ainda que a matriarca não seja ligada ao futebol. “Ah, a minha avó não se importa com futebol, ela só é meio do contra, mesmo!”, brinca.



Gabriel, sua avó Marília e a irmã Isadora, em Porto Alegre, em 2010 | Foto: Arquivo pessoal

A “implicância” futebolística de Isabel Marília com os demais membros colorados da família resultou em um filho e neto fanáticos pelo Grêmio. Felipe, que já foi mais de cem vezes ao estádio, também viveu experiências nos bastidores do Olímpico, em 1995, quando Josias Menna Barreto, na época conselheiro do Grêmio e amigo pessoal de Isabel Marília, o levava ao vestiário para conhecer os jogadores. “Ele me levava ao vestiário após os jogos nos tempos de Paulo Nunes, Jardel, Arce... era uma alegria enorme conhecer meus ídolos, bem como o Felipão, a quem admiro até hoje”.

Seguindo a velha máxima folclórica de que, no Rio Grande do Sul, só há duas opções para se escolher um clube de futebol, desde criança, Gabriel era presenteado com roupas e objetos caracterizados com o escudo e as cores do tricolor. “Começou na época de bebezinho, fui ganhando roupas do clube e foi uma coisa natural. [Os colorados] até falavam que me dariam camisas do Inter, mas eu nunca quis”. O costume se repetiu com três dos quatro irmãos de Gabriel por parte de pai, Pedro, Martin e Daniel, todos tricolores que herdaram suas roupas do Grêmio usadas durante a infância. A irmã, Isadora, falecida em 2016, aos nove anos, após uma fibrose cística, era colorada como o lado materno de sua família.

Nos momentos marcantes entre pai e filho junto ao tricolor ao longo dos anos, há lembranças boas e ruins. Para Felipe, os clássicos com vitórias gremistas estão no topo da

lista, mas todos acompanhados de casa, pelas transmissões de televisão ou rádio, após o incidente ocorrido em 2006. Ao contrário do pai que visitou o estádio Olímpico com assiduidade, Gabriel diz que esteve na casa do Grêmio cerca de dez vezes, o suficiente para não se esquecer da “vendinha de cachorro-quente”, procurada sempre nos intervalos dos jogos para matar a fome, alocada dentro do estádio, ou da carrocinha de espetinhos de carne estacionada na calçada, do lado de fora das arquibancadas.



Com um quadro da Ilha de Santa Catarina ao fundo, pai e filho dividem a nova cidade que tornou-se casa para a família| Foto: Arquivo pessoal

Do Olímpico, restam as memórias. Após o acordo turbulento entre Grêmio e a empreiteira OAS, firmado em 2008, para a demolição ainda não concluída da estrutura localizada na avenida Dr. Carlos Barbosa, o jovem segue com a lembrança amparada pelas vivências contadas pelo pai e pela história do clube. Hoje, a casa do tricolor se encontra no bairro Humaitá, na zona Norte da cidade, mas, apesar do novo espaço mais amplo e moderno, Gabriel ainda amarga a frustração com a situação do “Velho Casarão”, como era carinhosamente apelidado o estádio fincado no coração de Porto Alegre, que conheceu ainda criança. “É uma tristeza muito grande o jeito que está aquele lugar. Por dentro e por fora, está descuidado, jogado às traças, e é uma das maiores expressões da história do Grêmio. É o Olímpico ‘Monumental’, tem até uma coisa meio mística, sabe? Aquela Copa Libertadores de 2007, por exemplo, o Grêmio não teria chegado à decisão se não fosse o estádio e a torcida lá dentro. Uma tristeza, como gremista e porto-alegrense”.

Arrumando a casa

Em 2015, a decisão estava tomada. Aos 12 anos, Gabriel se mudaria com a mãe, Sandra Barp, a irmã, Olivia Barp, e o ex-padrasto, Nicolas Rotter, para Porto Belo, no litoral de Santa Catarina. O menino deixou as ruas de Porto Alegre, contrariado, para acompanhar Sandra, com quem morou a maior parte da vida. A família buscava maior tranquilidade, frente à crescente violência no estado gaúcho. Desde então, o jovem considera que passou por diversas fases como torcedor.

Naquele ano, a adaptação foi difícil, e ele garante que, meses depois, não aceitava a ideia de estar gostando do novo local. Ainda mesclando a saudade dos amigos, da família e do clube - do qual se sentia distante à época - deu início às novas amizades e a vida de adolescência na cidade. Na convivência com a irmã, que chegou a Porto Belo com dois anos de idade e, atualmente, soma oito, Gabriel garante que passou o “gremismo” adiante, uma vez que a mãe, natural de Caçador e torcedora do São Paulo, não buscou alimentar o lado torcedora da filha. “Eu fiz ela bem gremistinha, ela até fala mal do Inter!”, brinca.

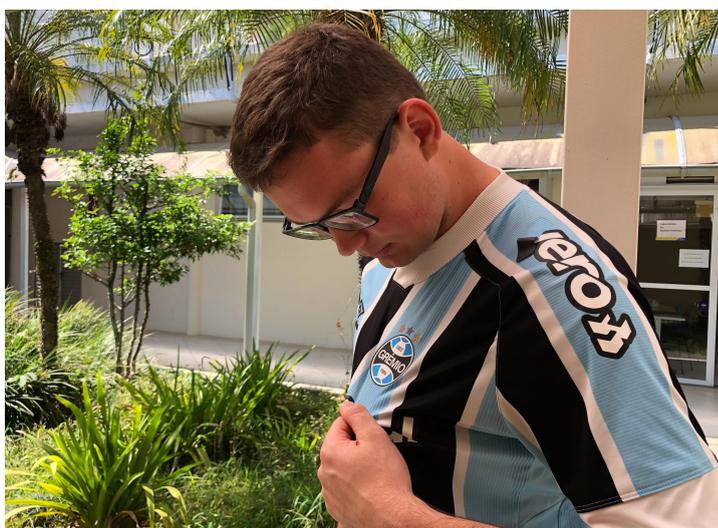
Com o passar do tempo, Gabriel se sentia em casa. O momento coincidiu com a retomada do bom futebol do Grêmio, afirmado em 2016, a partir do time montado e comandado por Roger Machado e, em seguida, assumido por Renato Portaluppi. Na época, os atuais ídolos de Gabriel, o técnico Renato e o zagueiro Pedro Geromel, davam cara a um Grêmio que viria a ganhar o Brasil e a América, nos anos de 2016 e 2017, respectivamente. “Aquele time começou a jogar bem de novo, depois de anos sem expectativas ou, no máximo, batendo na trave, e foi surgindo o sentimento de querer estar mais perto do Grêmio de novo. Eu tinha 14 anos. Foi um sentimento até estranho, porque eu sentia falta de ver o time mais de perto, mas também amava estar em Santa Catarina”.

A reta final da moradia em Porto Belo foi coroada com o título de tricampeão da Libertadores da América, conquistado pelo tricolor na noite de 29 de novembro de 2017, uma quarta-feira. Na data, o Grêmio, que já havia aplicado o placar de um a zero jogando na Arena do Grêmio, na semana anterior, foi à província de Lanús, em Buenos Aires, para sacramentar, por dois a um, a conquista da taça. Em Santa Catarina, Gabriel se reuniu com amigos do colégio em um bar da cidade para assistir ao jogo. Entre gremistas e colorados ansiosos pelo resultado final, relembra: “Eu estava muito confiante, mas, para mim, meio gol estava bom. Poderia ganhar de meio a zero, mas eu já sabia que seria campeão”. Dezesete dias depois, no mesmo bar onde a emoção havia ganhado tons azuis após a conquista, veio a

frustração. “Vi a final do Mundial lá, também, e foi um dia triste, nesse mesmo bar. Eu tinha esperança, mas sabia que não seria fácil. Era o Real Madrid! Foi até mais fácil de aceitar por isso, a dor ameniza, mas eu acho, até hoje, que o gol foi muito nada a ver, a barreira simplesmente abriu”.

Pouco mais de um ano depois da noite da final da Libertadores que consagrou o tricampeonato do tricolor gaúcho e, dois meses depois, a conquista da primeira Recopa Sul-Americana pelo Grêmio, em fevereiro de 2018, Gabriel tomou novos rumos, mais uma vez. Aos 16 anos, foi morar com o pai, recém-chegado a Florianópolis, na capital catarinense, em busca de novos ares.

Ali, no começo de 2019, a relação com o time se fortaleceu. “A maior mudança no lado torcedor foi quando cheguei em Floripa, porque voltei a morar com meu pai, que acompanha muito o time, aí comecei a ver todos os jogos. Ainda na escola, as pessoas começaram a comentar, até fazer algumas brincadeiras sobre os resultados dos jogos quando o Grêmio perdia... diria que me interessei mais por futebol, em geral”. Para o pai, que o recebeu em casa nessa época, junto da esposa e dos demais filhos, o futebol serve de elo entre eles. “Passei para ele meu lado torcedor no sentido de ser um elo comigo, um gosto em comum que nos une. Sinto que ele é bem parecido comigo na forma de torcer. Se ele torcesse para outro time, eu ficaria um pouco frustrado”.



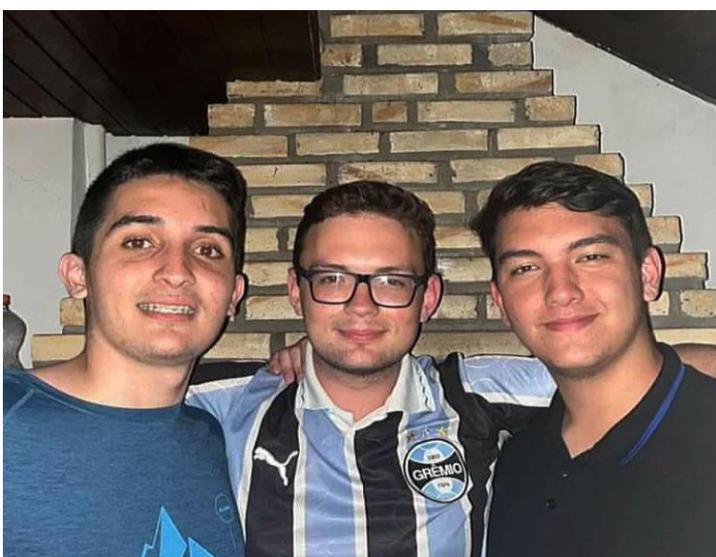
Gabriel coleciona camisas do Grêmio desde criança, quando ainda vivia em Porto Alegre | Foto: Arquivo pessoal

Além do convívio com o pai, em Florianópolis Gabriel encontrou, no colégio, uma turma de amantes do futebol. Ele finalizou os estudos no Ensino Médio no colégio da Lagoa, na Lagoa da Conceição. Ali, se uniu aos amigos Luiz Felipe Sirydakis e Matheus Deichmann,

com quem compartilhava o amor pelo esporte. Com alguns anos de convivência, Matheus já é capaz de elencar o principal defeito e qualidade do amigo torcedor. “O defeito é não reconhecer os feitos do rival, o Internacional, pela paixão clubística. Mas a principal qualidade dele é saber analisar racionalmente o momento e as circunstâncias do Grêmio, mas só enquanto o jogo não está rolando!”, se diverte.

Gremista em meio à dupla de torcedores do Figueirense, ele faz questão de relembrar alguns dos “perrengues” que já passaram juntos, como uma ida ao estádio Orlando Scarpelli, na região continental de Florianópolis, em janeiro de 2020, que quase acabou mal. Na ocasião, os amigos se organizaram para assistir a partida entre Figueirense e Juventus, pelo Campeonato Catarinense. “Todos morávamos na região da Lagoa, e fomos de ônibus até o continente. Nesse dia, eu tive a brilhante ideia de ir ao jogo com uma camisa do Grêmio no ônibus. Para o meu azar, pegamos o mesmo ônibus que a Gaviões Alvinegros [torcida organizada do Figueirense], e eles começaram a falar umas coisas direcionadas a mim, me olhar torto. No fim, precisei trocar de roupa ainda no veículo. Dei sorte que o Matheus havia levado uma camisa extra do Figueirense e troquei de roupa ali mesmo, preferi evitar que acontecesse algo, sei lá. Torcedor, às vezes, é uma coisa doida”.

Por fim, o jogo, disputado em um dia chuvoso, apesar da temporada de verão na cidade, terminou em zero a zero. Ao recordar o contexto, Luiz é categórico. “Pegamos chuva e o jogo foi bem ruim, mas valeu a experiência”, diz, enquanto Matheus garante ter sido um momento marcante para o trio. “Foi uma experiência única, até por não envolver diretamente o Grêmio, o Gabriel acompanhou e torceu para o Figueirense”.



Luiz, Gabriel e Matheus se conhecem desde o Ensino Médio e seguiram áreas ligadas ao esporte, como Educação Física e a assessoria esportiva | Foto: Arquivo pessoal

Essa foi a última vez que Gabriel esteve em um estádio. Com o desenrolar da pandemia de Covid-19 e a proibição de público nas arquibancadas entre 2020 e 2021, o ano de 2022 marcou a reabertura dos espaços para volta do público. Com relação aos casos de violência nos estádios, assunto recorrente entre torcedores e órgãos públicos, Gabriel garante que se sente seguro, apesar do episódio que vivenciou no ônibus, em Florianópolis. “Os estádios podem ser seguros, mas, no geral, não são. Eu digo que me sinto seguro, até, mas pode melhorar bastante. Hoje, eu iria num grenal no Beira-Rio de novo, por exemplo”.

Mesmo longe do Rio Grande do Sul há sete anos, ele afirma que Florianópolis agora é sua casa. “Perdi um pouco da conexão com Porto Alegre, mas tenho carinho pela cidade, até porque os amigos, a família e o Grêmio estão lá. Em Florianópolis, gosto da energia do local, é um lugar bonito e me sinto bem, seguro”. Trajado com as cores do tricolor pela capital catarinense, o clube está entre os maiores elos que mantêm com as origens gaúchas. “O Grêmio é, com certeza, uma forma de eu me ligar ao Rio Grande do Sul. Quando eu encontro algum gaúcho por aqui, já pergunto ‘tu és gremista ou colorado?’, e, seja qual for a resposta, já gera uma identificação”.

Tradição não se compra

Gaúcho de sotaque carregado, as influências seguem presentes na personalidade do torcedor. “É uma coisa natural. Eu também gosto de tomar chimarrão e comer churrasco, tudo é hábito. As gírias, mesmo, como o “báh”, “capaz” e o “tri”, são coisas que estão comigo, não tem a menor possibilidade de eu parar de falar isso”. Dentre os hábitos que cultiva, um deles vai na contramão de uma das gerações de jovens mais conectadas da história: a preferência pelo rádio para além das transmissões de futebol. Enquanto cresce a procura por informações por meio das redes sociais ou dos próprios *podcasts* e serviços de *streaming*, ele mantém, religiosamente, o costume diário de ouvir rádio, exemplo herdado do pai, a quem observava acompanhar as novidades do tricolor pela “latinha”, hoje sintonizada no próprio *smartphone*.

Questionado sobre a narração que mais o marcou, menciona uma que não acompanhou ao vivo, mas que ainda ecoa quando a memória retoma a lembrança. “É

inacreditável! I-na-cre-di-tá-vel: com sete homens em campo! Com sete homens em campo, o Grêmio está fazendo uma façanha. Só o Grêmio, a sua força, a sua fé, eu nunca vi disso, o mundo nunca viu nada parecido. O Grêmio está fazendo uma façanha extraordinária, uma façanha que não tem na história do futebol mundial!", vociferava um dos narradores mais conhecidos do Rio Grande do Sul. "A narração da 'batalha dos aflitos', feita pelo Pedro Ernesto Denardin, da *Rádio Gaúcha*, quando eu tinha três anos. Cara, eu nem ouvi ao vivo, mas meu pai chorou muito, e eu só entendi uns anos depois. É uma coisa histórica, o meu pai me mostrava a gravação quando eu ainda era pequeno, aquilo entrou para o folclore do futebol gaúcho". A batalha dos aflitos marcou o acesso do Grêmio à Série A de 2006, após uma partida disputada contra o Náutico, em Recife, e vencida por um a zero pelo tricolor que, na ocasião, somava apenas sete jogadores em campo e um pênalti contra. O Náutico não marcou o gol durante a penalidade máxima e, 71 segundos depois, numa arrancada do Grêmio, o gol do título da Série B e a volta à primeira divisão foram sacramentados.

Hoje ouvinte da *Band FM* do Rio Grande do Sul, Gabriel equilibra a rotina de estudos e afazeres domésticos enquanto acompanha edições de programas esportivos entre os horários de 12h30 às 13h30 e 19h às 20h e, às vezes, opta por acompanhar uma partida apenas pelo aparelho. "Tem uns jogos que são complicados, aí dá uma emoção a mais ouvir pelo rádio!".

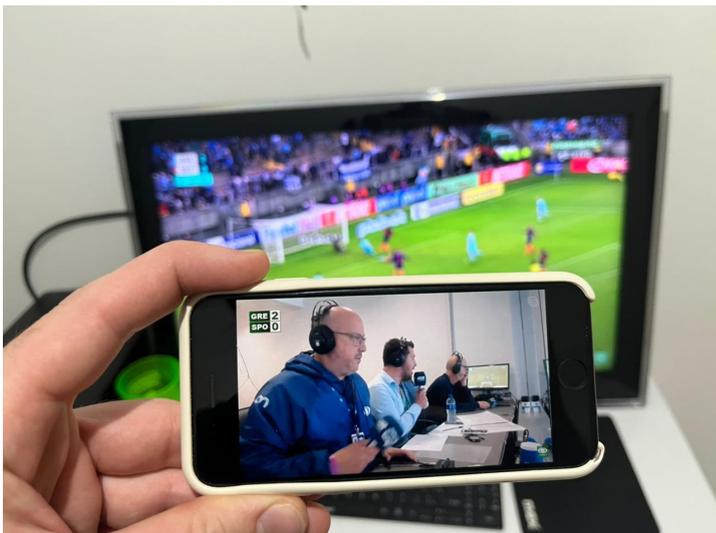
Atualmente morando sozinho após entender que havia chegado a hora de buscar um lugar só para ele, o jovem torcedor se vira como pode para acompanhar e viver o tricolor de longe. Sem nunca ter visitado a Arena do Grêmio, o quarto de 40m² onde vive, que se une à cozinha e ao banheiro, localizado numa pousada no Canto da Lagoa, se torna arquibancada durante as partidas do tricolor. O espaço ganhou customização especial com as cores do clube espalhadas por meio da bandeira gremista pendurada no guarda-roupas, próxima aos copos e à tábua de cortar legumes personalizados, esta última presenteada pela mãe durante o Natal de 2021, quando soube que o filho buscava um novo lar.



Coleção de camisas é fruto de presentes ganhados pelo garoto; apenas livro foi comprado | Foto: Arquivo pessoal

No guarda-roupas, estão algumas das relíquias do clube que guarda consigo, entre elas, quatro camisas. A primeira, de tom mais claro de azul, o marcou de forma negativa. “Em 2020, a emissora Bandeirantes fez um sorteio: quem se associasse ao clube naquele momento, ganhava a camiseta do Douglas Costa. Eu ganhei, mas nunca usei, porque está com a assinatura dele. É uma das maiores decepções que tive no Grêmio, só perde para o Ronaldinho, que quase voltou ao time, em 2011”. A mágoa com o atacante Douglas Costa fica por conta das polêmicas extra-campo protagonizadas pelo atacante durante a passagem pelo tricolor no ano de 2021, o que acabou frustrando parte da torcida do Grêmio naquela temporada.

Contudo, o restante dos trajes carrega um simbolismo especial. “Tenho camisa que era do meu pai, uma réplica de um dos modelos de 1995, com aquele time campeão do Grêmio que conquistou o bicampeonato da América. Ela tem o número 4 estampado nas costas, usado pelo Adilson Batista”. O único item relacionado ao clube e comprado pelo estudante foi o livro *“Jornalismo e Vestiário”*, publicado pelo jornalista e ex-assessor de imprensa do Grêmio, João Paulo Jobim Fontoura.



Desde o início de 2022, Gabriel acompanha o Grêmio por meio de uma “gambiarra” tecnológica | Foto: Arquivo pessoal

Em meio às suas relíquias, nos horários de jogos do Grêmio, todo um ritual se forma para acompanhar o clube do coração. Em cada ocasião, Gabriel liga a televisão, o notebook e o *smartphone*, este sintonizado no rádio. Ali, todos os equipamentos operam em sincronia, numa verdadeira “gambiarra” para que a transmissão aconteça no local. “O meu notebook está com a tela quebrada, vazou cristal líquido, então a metade da imagem não aparece, não tem condição alguma de ver qualquer jogo por ali. Por isso, eu conecto um cabo HDMI entre o computador e a televisão de 32 polegadas, mas que não tem áudio. Aí, eu ligo o rádio e sincronizo com a imagem, mas, às vezes, fica dessincronizado, ou trava a imagem, é um saco!”, ri. Assim, ele acompanha as partidas há seis meses, mas não deixa que alguns “perrengues” o impeçam de acompanhar o clube.

Até de excursão nós iremos

Ângelo Mattos Bagolin

“Eu tive duas viradas de chave: quando descobri que era gremista e quando percebi que queria viver aquilo”, assim resume Ângelo Mattos Bagolin sua relação com o time do coração. Aos 40 anos de idade, o gaúcho de Santa Maria passa longe de ser um torcedor comum. Dono de uma lanchonete instalada no Norte de Florianópolis, no bairro Ingleses, local onde também reside, Ângelo divide seu tempo entre administrar o comércio e organizar excursões rumo à Arena do Grêmio, em Porto Alegre. Mas essa história, diferente da frase que o define como torcedor, não se resume em poucas palavras.

12 de novembro de 2005. Grêmio e Portuguesa se enfrentavam em Porto Alegre, no estádio Olímpico, pela segunda divisão do Campeonato Brasileiro. Era a antepenúltima rodada do quadrangular final da competição e, duas horas antes do início da partida, por volta de 14h, Ângelo, que havia chegado de Florianópolis na madrugada daquele dia, e o primo Eduardo Bagolin, que morava em Porto Alegre, já estavam nas arquibancadas. “Eu já tinha ouvido falar do que era ir a um estádio. Meu padrao, João Carlos, dizia que tinha que entrar duas horas antes, que ele levava saquinho no bolso para fazer xixi, que não existia banheiro. Era toda uma lenda. Fomos baseados em tudo que nos diziam!”, lembra Ângelo. A primeira vez de ambos no local, recheada de expectativas, fez com que percorressem cerca de 11 quilômetros para chegar ao bairro da Azenha, na região central de Porto Alegre, partindo do bairro Jardim Lindóia, onde Eduardo morava, várias horas antes do jogo começar. Na data, o jogo acabou em 2 a 2, com público de 47 mil pessoas no estádio. “Eu me emociono muito fácil lá. Naquele dia, o Grêmio fez dois gols, teve a avalanche [comemoração típica da torcida na época], foi um espetáculo. Ali, tive vontade de ir cada vez mais, e comecei a frequentar sempre que tinha oportunidade. Foi a minha segunda virada de chave”.

A segunda virada de chave que sucedeu o primeiro sinal, ligado dez anos antes, em 1995. O Grêmio disputava o segundo título da Copa Libertadores da América, ao vencer o Palmeiras, no Olímpico, pelo placar de 5 a 0, pelas quartas de final. Naquele jogo, Ângelo, aos 13 anos, seu primo Eduardo, com 12, e Leonel, seu irmão caçula, com 10, decidiram pintar seus cabelos de azul, inspirados em Paulo Nunes, o chamado ‘diabo loiro’, uma das figuras centrais do elenco bicampeão. “Nós decidimos durante o jogo que, se o Grêmio ganhasse do Palmeiras, iríamos pintar o cabelo de azul. Ganhamos e aí fomos no salão perguntar o que

tínhamos que fazer. Precisava descolorir, pintar... no fim, deu errado e ficou até meio vermelho! Minha mãe surtou, a gente fez escondido”. Para Leonel, a experiência da infância ficou marcada. “Eu era o mais novo e fui mal influenciado pelos outros! Fomos para a tarefa de pintar os cabelos, mas como são pretos, tínhamos que descolorir e, em 1995, não tinha YouTube para nos ensinar como fazer qualquer coisa”. Assim, após a consulta com a cabeleireira foram para casa fazer o processo sozinhos. Entre cabeças ‘pinicando’ pelo processo químico, muita tinta e água oxigenada, no final, até o cachorro da família acabou ficando azul, lembra o caçula. “Minha mãe não gostou muito da ideia, nem do fato do cachorro ter ficado azul. O fim dessa história é que meu cabelo começa a ‘descolorir’, fica avermelhado. Tive que raspar, porque o cabelo com o azul ‘errado’ tudo bem, mas vermelho não tem como”, garante Leonel.

Na época, os irmãos residiam junto da mãe, Jorgina Mattos, e do padrasto, João Carlos de Mello, em Joinville, Santa Catarina. Permaneceram na cidade de 1993 até 2000, e a experiência de convivência com torcedores de outros clubes fez com que Ângelo perdesse o “bairrismo” da rivalidade da dupla grenal, formada por Grêmio e Internacional. “Santa Catarina tem muitos times. Eu até me desliguei um pouco do futebol, porque aqui as torcidas são mais diversas. Eu acompanhava o Grêmio, mas menos que os meus primos de Porto Alegre. Não tinha a coisa diária de viver a torcida. A mudança veio em 1995”.



Em 2015, após a vitória do Grêmio por 5 a 0 sobre o Internacional, Ângelo conheceu o ídolo Jardel, atleta do tricolor na década de 1990 | Foto: Arquivo pessoal

Mesmo assim, é possível afirmar que o sentimento de torcedor gremista nasceu anos antes. Durante a infância, em Santa Maria, interior gaúcho, o menino já convivia com

familiares e amigos torcedores do tricolor. Nas tantas brincadeiras pelas ruas do bairro Camobi, e nos natais em que ganhava objetos do time, o carinho pelo clube era reforçado. “Eu montava travinha e jogava bola na rua, brincava de jogar taco... os meus presentes de Natal, por exemplo, eram sempre uma camisa do Grêmio, ou uma bola. Sempre gostei de futebol, mas o ‘sonho de ser jogador’ era só coisa de criança”. O gosto pelo esporte surgiu naturalmente, já que quase toda a família era tricolor. E é nesse “quase” que nasce a primeira lembrança de sentir-se gremista, ou melhor, “anti-colorado”.

Aos oito anos de idade, a antipatia pelo rival Internacional o pegou rapidamente. A memória, que já completa 32 anos, segue guardada com detalhes: em uma disputa grenal do ano de 1990, o tio, Nestor Mattos, colorado, havia ido à casa da família de Ângelo para assistir à partida. Com um cigarro nas mãos e vestindo a camisa colorada, ele acompanhava o jogo e, em dado momento, o Grêmio marcou um gol na partida. “O Grêmio fez o gol e ele furou o sofá da minha mãe, com o cigarro aceso. Lembro do furinho que ficou no estofado. Ele tinha ido assistir o jogo lá porque tínhamos televisão. Tomei as dores da mãe. Me lembro bem da cena, e peguei uma antipatia pelo time. Antes de ser gremista, fui anti-colorado”.

Aquecendo os motores

A década de 1990 foi crucial para a formação do garoto que chegara a Joinville aos 10 anos de idade, após transferência de trabalho do padrasto. Por lá, além de desenvolver a própria paixão pelo Grêmio, começou a se aventurar de forma mais comprometida com o esporte, sendo integrante do time de futsal do SESC Joinville no segundo ano do Ensino Médio, aos 16 anos. No entanto, ao fim de 1998, após mais uma transferência de João Carlos, toda a família rumou a Florianópolis. Na capital, o gremismo aflorou de vez. “Sempre usei a camiseta do Grêmio, sempre fui identificado como gremista. Matava a aula para ver jogos, sempre pela TV. Uma viagem para Porto Alegre, hoje, são cinco horas. Em 2000, eram umas nove! Só voltava ao estado para ver meu pai, Jerson Bagolin”.

Após a ida ao Olímpico pela primeira vez em 2005, as viagens tornaram-se hábitos. A maioria veio no ano 2000 e, a partir da metade da década, ele voltou ao estádio muitas vezes, dirigindo até Porto Alegre no estilo “bate e volta”, apenas para ver as partidas do tricolor. Entre idas e vindas, perdeu a conta de quantas vezes percorreu o trajeto para acompanhar o time. Nesse meio tempo, residindo já no bairro Kobrasol, em São José, na

Grande Florianópolis, passou a frequentar a chamada Churrascaria do Salsicha, como ficou conhecido o estabelecimento que reunia os torcedores. “Juntava uma gremistada lá, umas 90 pessoas para ver os jogos. Tinha um cara que organizava excursões para ir para Porto Alegre. Fui uma vez, junto com o filho do meu padrasto. A experiência foi legal, mas tinha coisas que eu não gostava”. Dentre os episódios que o desagradaram, estava o uso de entorpecentes por parte de alguns dos viajantes dentro do ônibus. Assim, dirigir por conta própria para acompanhar o clube tornou-se cada vez mais rotineiro.

Em 2009, foram dados os primeiros passos para mudar essa realidade. Naquele ano, Avaí e Grêmio se enfrentaram pela décima terceira rodada da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, na Ressacada. Apesar da vitória avaiana por 1 a 0, Ângelo pode considerar que a ida ao Sul da Ilha, onde presenciou a derrota tricolor, valeu a pena. Na ocasião, Paulo Cezar Sponchiado, cônsul do Grêmio em Florianópolis à época, abordava torcedores do time gaúcho no entorno da Ressacada, distribuindo brindes para aqueles que já eram sócios do clube. De prontidão, Ângelo apresentou o documento, que possui desde 2001 e, para sua surpresa, o cônsul já o conhecia. “Ele pediu o meu contato, disse que queria conversar comigo. Nessa época eu morava em Palhoça, aí marcamos de nos encontrar lá”.

A conversa tinha um objetivo claro: criar um consulado gremista em Palhoça. Paulo Cezar, hoje integrante do conselho efetivo do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, estava, naquele ano, inserindo-se na política do clube. Para auxiliar nos trabalhos, contatou Ângelo para aumentar a rede de torcedores da Grande Florianópolis. “Se tu conseguires cadastrar dez sócios em um mês, eu te consigo uma camisa oficial para rifar entre os sócios novos’, ele me disse. Fizemos 27 novos sócios. Começamos a criar um corpo ali, e eu conheci muita gente”, lembra Ângelo. Os novos associados ao clube iam chegando ao consulado implementado em Palhoça, e o número ia crescendo. Entre os anos de 2009 e 2010, a Grande Florianópolis registrou cerca de 1.300 associados ao Grêmio. Sem obter nenhum retorno financeiro pela atividade, Ângelo tinha nos novos amigos e conhecidos a recompensa. Entre churrascos e “costelaços” que reuniam cerca de 150 pessoas, os laços do grupo iam se fortalecendo.

Foi nessa época, também, que as viagens rumo a Porto Alegre para assistir o time em campo tornaram-se mais viáveis. Com um grupo maior de pessoas interessadas, ele já não precisara mais viajar sozinho e arcar individualmente com todas as despesas. As pessoas reuniam-se em dois ou três carros e dividiam os gastos para assistir aos jogos no estádio

Olímpico. No entanto, a organização das viagens tomou novos rumos à medida em que a despedida do estádio Olímpico se aproximava, em dezembro de 2012. “Quando veio a despedida do estádio, no final de 2012, tinha muita gente que queria ir”, revela.

O jogo seria um grenal. O clássico gaúcho marcaria a despedida do Grêmio no estádio Olímpico – pelo menos era a ideia, uma vez que, no ano seguinte, o clube ainda disputou quatro jogos na antiga casa, em virtude do gramado da Arena do Grêmio não estar apto a receber as partidas e de obras ainda em andamento. No início daquele mês de dezembro, a organização estava montada, pois Ângelo havia contratado os serviços de viagem de um micro-ônibus. “Juntamos o pessoal e lotou. Foram 25 pessoas e ainda ficou gente de fora. Era um projeto novo, não tinha mais ninguém fazendo. Eu nem tinha noção do preço. Deu 80 reais por pessoa, aí sobrou R\$200 e encomendamos cerveja e salgadinho!”.

Em Porto Alegre, Paulo Cezar já havia reservado ingressos para o grupo, antes que os bilhetes para o jogo fossem esgotados. Os tickets foram resgatados no entorno do Olímpico, sem necessidade de enfrentar fila. Uma semana depois da primeira viagem, a ideia tomaria forma oficialmente. “Veio a ideia de fazer a viagem para a inauguração da Arena. Ali começou o projeto de verdade. Digo que as excursões vieram por conta dos perrengues que eu passava para ir aos jogos, além de que tinha muita gente que queria ir também”.

Para a ida à inauguração da Arena do Grêmio, mais pessoas puderam ser transportadas, uma vez que já havia maior divulgação pelas redes sociais do projeto, em especial, o Facebook. Entre os viajantes daquele dia que tornaram-se amigos até os tempos atuais, está Michelle Garcia, de 40 anos. “Me lembro da inauguração da Arena. Por tudo que envolve e por ser meu primeiro jogo em estádio, aquilo foi surreal! Emoção indescritível. Jamais na vida tive uma emoção igual aquela!”.

Dez anos depois e mais de 70 excursões organizadas, Ângelo ainda não pensa em parar os trabalhos, muito em virtude dos amigos que fez. “Um amigo meu, Jorge Tafra, me disse ‘tu já paraste para pensar quantas pessoas já levou para a Arena?’. Fiz uma conta por cima e cheguei em umas duas mil pessoas. Isso é muito prazeroso pra mim”, garante Ângelo. Do outro lado, Jorge, que está à frente de parte da administração do consulado do Grêmio na cidade, explica como as atividades são organizadas. “Eu coordeno algumas áreas do consulado, mas é o Ângelo que organiza tudo. Sei que é cansativo, pois a responsabilidade de cuidar do planejamento, organização e segurança é grande”, avalia.



Em 2016, grupo de excursionistas viajou a Porto Alegre para acompanhar a conquista da Copa do Brasil pelo tricolor | Foto: Arquivo pessoal

Pé na estrada

Durante a década de atividade paralela à lanchonete, seu principal ganha-pão, o que não faltam são boas histórias e alguns perrengues para contar. Em 2017, um dos mais marcantes ocorreu à beira da BR-101, no estacionamento do restaurante Bela América, em Sombrio, no sul de Santa Catarina. Na ocasião, o ônibus que transportava os gremistas de volta a Florianópolis estacionou para que o grupo pudesse descer. Após o desligar dos motores, um outro ônibus estacionou próximo. “Eu sempre desço primeiro, dou uma olhada e vejo se está tranquilo, porque sei que o lugar recebe muito grupo. Naquele dia, a torcida organizada do São Paulo parou ao nosso lado, depois de um jogo entre Grêmio e São Paulo”, lembra.

Assim como Ângelo tomou a frente para descer do veículo, o representante da torcida são-paulina Independente também desceu antes dos demais torcedores do segundo ônibus. No encontro dos dois, o acordo foi claro:

- É organizada? - perguntou o são-paulino.
- Não, somos de Florianópolis. Só torcedor comum.
- Então vamos todos descer do ônibus. Não vai ter problema.

“Ele não me perguntou, ele me avisou. Eu só pude dizer que da nossa parte não haveria problema. Desceram todos, e todo mundo do São Paulo estava uniformizado, com

chapéu e camiseta”. O episódio, inclusive, fez com que, desde então, Ângelo passasse a avisar a gerência do local sempre que está chegando com o grupo. “Hoje, fica uma viatura da Polícia Rodoviária Federal na entrada do posto. Se chegar a excursão de outra torcida, eles não deixam parar ali”.

Os perrengues não param por aí. Se no trajeto Florianópolis-Porto Alegre as coisas correm de forma mais organizada, muito em virtude do tempo e da experiência com que o grupo atravessa as estradas, não é possível garantir a mesma segurança fora da região. Em outubro de 2019, pela semifinal da Copa Libertadores da América, os torcedores viajaram ao Rio de Janeiro para acompanhar a partida entre Flamengo e Grêmio. Na ocasião, a goleada de 5 a 0 aplicada pelo rubronegro sobre o tricolor não seria a única decepção encarada pelos gremistas presentes naquela noite. “A saída do Maracanã foi a mais tensa. Acabou o jogo e fomos direto pro ônibus, a polícia não esperou nem a torcida do Flamengo dispersar. Tinha um torcedor batendo no vidro do nosso ônibus até com pistola na mão. Eu pensava ‘imagina se o Grêmio ganha? A gente não ia nem passar aqui’”. Com alguns anos de experiência, o organizador avalia que, com o tempo, foi possível aprender a evitar algumas situações ou prever eventuais problemas. “Os medos são os mesmos de dez anos atrás, mas já sei lidar com alguns, como gente que exagera na bebida, por exemplo. A maioria das pessoas querem viajar tranquilamente no nosso grupo. Não é torcida organizada”.

Longe das memórias negativas, o projeto ainda proporcionou bons momentos marcantes. Já tendo passado por cidades como Rio de Janeiro, Curitiba, Brusque, Joinville e muitas outras, a mais saudosa se deu na casa tricolor: Porto Alegre. No dia 7 de dezembro de 2016, o Grêmio voltara a conquistar um título nacional, após 15 anos de jejum. A atmosfera do estádio, decorado especialmente para aquela final, traduziu-se num mix de emoções em decorrência do momento tricolor e do até então recente acidente aéreo com o avião do time da Chapecoense, em 29 de novembro daquele mesmo ano. “Teve muitas homenagens e cerimônias em respeito ao episódio com a Chapecoense, muita comoção. O jogo tornou-se algo de um sentimento absurdo. A Arena entrou num clima diferente”.



Um ano após a final da Copa do Brasil, Ângelo viajou de carro a Lanús, na província de Buenos Aires, para acompanhar a final da Libertadores entre Lanús e Grêmio, no Estádio Ciudad de Lanús| Foto: Arquivo pessoal

Tanto os capítulos bons e ruins desses dez anos de projeto decorrem de muita preparação. Com planilhas digitais, mas sem abrir mão do bom e velho caderno, Ângelo tem tudo organizado na ponta do lápis para colocar o ônibus na estrada. Numa ocasião, por exemplo, quando o Grêmio disputava a Copa Libertadores e o Campeonato Gaúcho, foram organizadas três excursões em 15 dias. No WhatsApp, os grupos de passageiros são criados dias antes do embarque, a fim de compartilhar informações cruciais como horário de saída de Florianópolis, carona até o ônibus e avisos de atraso dos passageiros. O espaço é destinado exclusivamente para assuntos referentes à viagem, que, geralmente, parte de madrugada rumo à cidade do jogo. “O ponto de partida é a frente do terminal rodoviário Rita Maria. Eu cobro R\$170 por pessoa, e o ônibus custa R\$6 mil. No fim, sobra um dinheiro de cada passagem, e eu uso para comprar meu ingresso e do meu acompanhante, mas não existe retorno financeiro que eu possa viver disso”. Além dos ingressos de Ângelo, o valor que resta da organização é utilizado para cobrir eventuais gastos durante o trajeto, como alimentação. No entanto, a depender da lotação do ônibus, há ocasiões em que o organizador tira do próprio bolso para botar o grupo na estrada.

Grêmio, política e o torcedor

Os anos à frente da excursão e os inúmeros contatos que fez na região da Grande Florianópolis trouxeram mais do que amigos e associados ao clube. Foi a partir do ano de 2015, já com algumas viagens na conta e com alguns contatos feitos durante o tempo de projeto, incluindo Paulo Cezar Sponchiado, que outros frutos passaram a ser colhidos. Mas, de início, não era algo visado por Ângelo. “Entre 2015 e 2016, o Grêmio se politizou mais. E é aí que as pessoas dentro do clube passam a te olhar de um jeito diferente. Me viam como um cara que ‘carregava’ uns 100 votos. Se olhar dentro do Grêmio, dá pra contar nos dedos quem tem 100 votos”. Ângelo garante que nunca teve a intenção de ser visto pelos políticos que comandam a parte administrativa do clube, e que, de início, fugiu das propostas para participar ativamente da vida política. “Depois, se tornou necessário”.

Ele garante que a necessidade não resulta de ambições pessoais nem de ganhos financeiros, mas reconhece que, atualmente, tem liberdade para discutir e levar demandas dos torcedores para dentro dos gabinetes da Arena. Por meio dos contatos que se firmaram nos últimos anos, pode arriscar um ou outro palpite sobre temas como estrutura para receber os torcedores. Ângelo, por exemplo, já apresentou um projeto para a melhoria dos serviços de estacionamento do estádio. A ideia já foi entregue ao presidente eleito no clube para o triênio 2023/2025, Alberto Guerra. “As vantagens de eu estar na política do Grêmio é mais para quem viaja do que para mim. E não ganho ingresso, eles ficam apenas reservados, mas pelo preço normal. Chegando lá, posso mandar uma mensagem antes e dizer que está indo uma mãe amamentando ou idosos, por exemplo. Peço para reservarem uma cadeira”.

Dezessete anos após a primeira ida ao Olímpico, hoje aproveita para circular por parte dos bastidores do clube que viu campeão desde o fim dos anos 1980, ainda na antiga casa, até as atuais conquistas tricolores. “Prefiro, absolutamente, a Arena do que o Olímpico. A estrutura é incomparável, inclusive no clima de jogo, é um lugar muito seguro. Não levaria minha filha, Thais, num jogo grande no Olímpico, não tem estrutura pra ela. Ele só é saudoso para quem viveu a infância ou adolescência ali”.



Ângelo levou Thais, de nove anos, para acompanhar a conquista do Campeonato Gaúcho 2022 pelo Grêmio, em abril deste ano | Foto: Arquivo pessoal

Para ele, o clube, inclusive, não é um elo com o Rio Grande do Sul. “O que me liga às minhas origens é meu pai e a tradição, a música nativista, o chimarrão... o Grêmio em si não me faz mais ou menos gaúcho”.

Quando eu crescer, quero ser como você

Alexsandro dos Santos e Évelyn Cazão

O mês de julho de 2015 guardava algumas surpresas para o Grêmio. Naquele período, o tricolor encarava rumores – depois confirmados – de saída do zagueiro e capitão do time, Rhodolfo Gaioto. Nas arquibancadas da Arena do Grêmio, durante a partida entre Grêmio e Criciúma pela terceira fase da Copa do Brasil daquele ano, uma das últimas disputadas pelo jogador antes de deixar o Brasil rumo à Turquia, uma torcedora se destacava, inclusive em frente às câmeras do canal *SporTV*. Évelyn Danielle Cazão dos Santos, à época com 15 anos de idade, segurava um cartaz com os dizeres “Rhodolfo, fica, é só isso que a torcida te pede!”. Entre lágrimas e gritos roucos, a adolescente chamava atenção das filmagens feitas direto da área de imprensa, localizada à beira do gramado: “É, meus amigos, a torcedora gremista está nervosa, está querendo entrar em campo!”, dizia o narrador Jader Rocha, direto da cabine de transmissão, enquanto a imagem de Évelyn, aos prantos, era reproduzida no canal fechado. “Na saída do jogo, o cinegrafista ainda pediu para eu ficar e mostrar o cartaz. Depois disso, na escola, na igreja, na família, todo mundo falou que viu. Meus dindos moravam em Florianópolis e avisaram minha mãe que eu estava na TV, o professor de Geografia comentou que assistiu o segundo tempo do jogo e tava eu lá, chorando”, recorda.

Se engana quem pensa que estas foram as únicas emoções da ocasião. Naquele dia, a menina havia se alocado próximo à divisória entre arquibancada e gramado para assistir ao jogo, logo atrás dos bancos de reserva dos jogadores, a chamada “casamata” no linguajar futebolístico. Do campo, era possível ouvir as reclamações e súplicas de Évelyn para que os atletas do time gremista melhorassem, o que não agradou nem um pouco o até então técnico do Criciúma, Dejan Petković. Em dado momento, enquanto um atleta do clube catarinense se aproximava à lateral do campo para receber novas instruções do treinador sérvio, era possível ouvir os pedidos eufóricos de Évelyn. “Vamos jogar! Deixa de conversa! Bora jogar!”, bradava há poucos metros da beira do gramado. “Eu só lembro do Petković me dando uma fuzilada com o olhar. Aí eu falava assim para ele: ‘o que é? O que é, hein?’. Ah, eu só estava atrapalhando para eles não conversarem, eles já estavam ganhando!”. Minutos depois, o sentimento de revolta tornou-se de êxtase – muito por conta da imaginação da jovem. O jogador Fernandinho, chamado pelo técnico gremista Roger Machado para

adentrar à partida, estava no aquecimento, quando ouviu as seguintes palavras: “Fernandinho, entra e marca o teu!”, num tom já rouco, em virtude do esforço que Évelyn vinha fazendo. Na mesma hora, o jogador, ainda em aquecimento, virou-se para trás e piscou para a menina. “Ele piscou e eu olhei para trás, aí percebi que não tinha mais ninguém por ali e pensei ‘é pra mim essa piscada! Ele vai fazer um gol e dedicar pra mim!’. Já imaginei tudo. Adolescente é fogo, né?!”.

As surpresas daquele mês de inverno guardadas para o Grêmio foram vistas de perto por Évelyn, que havia ido à partida acompanhada do pai, Alexandro dos Santos, e do amigo da família, Jeferson. Uma semana depois, no segundo jogo contra o Criciúma, em Santa Catarina, o tricolor empatou o placar geral, vencendo a partida por 1 a 0 no tempo regulamentar, levando a decisão aos pênaltis. Nas cobranças, o Grêmio faturou a vaga às oitavas de final, no estádio Heriberto Hülse, por quatro cobranças convertidas em gol contra três do Tigre. Mas, dessa vez, sem nenhuma torcedora fanática gritando nos ouvidos dos jogadores. Pelo menos não do Grêmio.

“O meu pai queria um menino”

Évelyn é mais uma torcedora que, como tantas outras, herdou do pai, hoje com 41 anos, o amor pelo clube que, por sua vez, herdou do pai dele, Joselino dos Santos, ex-jogador do Grêmio falecido em 2015, o sentimento pelo time gaúcho. Alex, como é chamado pela família e amigos, inclusive, não esconde que na época em que soube da gravidez da então namorada, Laudia Cazão, torcia pela vinda de um menino, exatamente pela expectativa de passar ao filho tudo aquilo que projetou na relação com o patriarca. “No primeiro momento, pra mim, era um menino. Queria por causa do futebol, mas, depois que eu soube, ficou tudo bem. A barriga dela foi crescendo e aí tu entendes que só quer saúde”. A chegada da primogênita, no entanto, abalou a estrutura familiar do casal. Na época, Alex tinha 16 anos e Laudia, 15.

Os planos de criar um pequeno gremista, com o passar dos meses, foram se transformando. A chegada da primeira filha alterou os rumos e objetivos do jovem casal, que, hoje, soma 23 anos de união. “Ah, o meu pai queria um menino, mas não veio. Aí ele pensou ‘vou ter que investir nessa guria!’”, brinca a filha. Entre todas as mudanças que vieram na sequência, um plano se manteve: Alex faria da menina uma gremista fanática. “Eu usei a Évelyn como um boneco! Até comprava as maria-chiquinhas no mercado e botava na

cabeça dela, tudo nas cores do Grêmio, aí ia pro estádio com ela no ônibus cheio. Fiz ela viver esse momento comigo!”. Na contramão, Évelyn lembra da história de um jeito um pouco diferente. “Olha, o meu pai diz que fazia as maria-chiquinhas em mim, mas eu e a minha mãe dissemos ‘tu fazias? Quem fazia era a mãe!’. O meu pai diz que não, que ele lembra de ser ele quem amarrava meu cabelo”.



Évelyn, em 2002, já trajava roupas do Grêmio por influência do pai | Foto: Arquivo pessoal

Influenciada desde bebê, hoje, aos 22 anos, ela garante não se lembrar dos seus primeiros passos como torcedora, apesar de guardar na memória alguns *flashes* do início dos anos 2000. Das comemorações junto da família na região da Aberta dos Morros, bairro da zona sul de Porto Alegre, se destacam as recordações dos títulos do Grêmio no início da década, em especial, das conquistas do Campeonato Gaúcho em 2006 e 2007. Do ano de 2001, quando o Grêmio sagrou-se campeão estadual e, posteriormente, da Copa do Brasil, Évelyn não tem registros. “Lembro que, nas comemorações, a gente descia o morro com bandeira, lençol, toalha, qualquer coisa do Grêmio, e isso era toda vez que o time era campeão. Íamos para uma sinaleira que fica na subida do morro, comemorando”.

As memórias da infância incluem, ainda, idas ao estádio Olímpico. Entre elas, inclusive, o dia em que decidiu por conta própria que se uniria ao Grêmio e sua torcida. Em 12 novembro de 2005, Grêmio e Portuguesa se enfrentaram pela quarta rodada do quadrangular final do Campeonato Brasileiro Série B daquele ano. Horas antes do jogo,

Laudia preparava o cabelo da filha com trancinhas presas pelas borrachinhas coloridas compradas pelo pai. O penteado foi feito para rumar ao bairro da Azenha junto de Alex e dos padrinhos de Évelyn, Robson Cazão e Luciane Lukacheski. No entorno do estádio Olímpico, ainda sobrou tempo para pai e filha degustarem um cachorro-quente, vendido nas barraquinhas que se estabeleceram no local. Contudo, a pausa para o lanche resultou num desencontro com o casal de padrinhos, que seguiram para as arquibancadas. Apesar disso, Évelyn e Alex seguiram para dentro do estádio e alocaram-se para ver o jogo no setor ao lado da torcida organizada do clube, a Geral do Grêmio, da qual ficaram separados apenas por uma grade. “Aquele jogo terminou em 2 a 2, e toda vez que tinha gol do Grêmio, um bandeirão azul descia sobre as nossas cabeças! Eu olhava aquilo com cinco anos de idade, olhava a torcida do meu lado e pensava: ‘é isso que eu quero’. Digo que escolhi ser gremista neste jogo, durante a Série B, num empate!”, se diverte. “Estar num estádio cheio é sentir. Ser algo é sentir aquilo, e ela sentiu. Mesmo quando o clube estava rebaixado. Vivemos juntos aquele momento”, avalia Alex.



“Seria frustrante se ela não fosse gremista”, diz Alex |
Foto: Arquivo pessoal

Para o pai, inclusive, a situação não teria como ser diferente, já que ele transformava diversos ambientes numa referência ao Grêmio. Entre idas à feiras para comprar itens de

decoreção para a casa, sempre nas cores do tricolor, e trajetos de ônibus para frequentar as arquibancadas dos jogos, ainda era possível arrumar tempo para exercer a atividade que mais gostava com a filha: torcer. “Eu trabalhava muito, e, na época, ela estava na escolinha infantil, então foi o Grêmio que nos uniu”. Para Évelyn, outras atividades auxiliaram a expandir o sentimento pelo clube e, também, pelo futebol. Em meio às ruas da comunidade onde cresceu, encontrava nos amigos, em especial nos meninos, a possibilidade de se conectar ao esporte. “Eu estava sempre na rua, brincando, jogando futebol com os guris, todos juntos. Gostava também de patins, bicicleta, e chamava as meninas do bairro para irem até lá, mas eu era a única que jogava”.

O gosto pela bola no pé, aliás, pode-se dizer que vem de família. Apesar de nunca ter buscado algum tipo de profissionalização, a vontade de seguir carreira de jogadora passou pela mente da menina durante a infância e a adolescência – junto de outros desejos como ser fotógrafa. Nessa época, Évelyn espelhava-se na família, com duas referências para sonhar com a profissão de atleta: o pai e o avô. Joselino dos Santos integrou o plantel do Grêmio entre as décadas de 1960 e 1970. Em 1973, uma lesão no joelho tirou o ponta-direita dos gramados, interrompendo a carreira definitivamente. Em seguida, vieram os filhos, sendo Alex o homem mais velho dos seis irmãos. Aos 10 anos de idade, o menino encontrou fotos do pai da época de jogador, e passou a questioná-lo sobre a origem das imagens, pois não conhecia a história do patriarca nos gramados. “O meu pai trabalhava muito, não tinha muito tempo para ter essas conversas de pai para filho. Ele só me contou sobre o Grêmio quando eu tinha 10 anos, porque eu perguntei sobre aquelas fotos, aí me contou tudo. A minha paixão pelo clube veio depois dos meus 12 anos, na década de 1990”. Inspirado no próprio pai, Alex, na adolescência, também tentou a carreira de atleta.

De pai para filho, de pai para filha

O trabalho de lavador de carros abriu novas portas à Alex. Por volta dos 14 anos de idade, o jovem exercia a função próximo ao estádio Olímpico, onde se dedicava a limpar os carros do plantel de jogadores que chegavam para os treinos no local. A tarefa, realizada de forma informal, era, segundo ele, um “bico” para levantar dinheiro e auxiliar na renda de casa. A oportunidade para estar perto dos jogadores veio após o convite do amigo Nenê, filho de um dos porteiros contratados do Grêmio. Alex e Nenê eram vizinhos de bairro em Porto Alegre, além de colegas na lavagem dos carros. “Eu trabalhava para trazer recursos

para dentro de casa, aí comecei a ficar perto dos jogadores, não jogava bola, mas tinha porta aberta para tentar fazer escolinha”. Na mesma época, nas aulas de Educação Física do ensino médio, passou a arriscar-se mais no esporte e, dali, assim como o pai, veio o desejo de jogar. A boa relação com os atletas do Grêmio também poderia ajudar na empreitada de se tornar um atleta profissional, enquanto prosseguia com os estudos. “Fui tendo vontade de jogar, vi que eu tinha talento”. Em meio ao período de emprego informal, conciliar os estudos e o sonho era um desafio, eis que as coisas tomaram outro rumo ainda na adolescência. “O Nenê fumava, e andávamos muito juntos. Um dia, um jogador nos viu indo embora, atravessando a faixa de segurança, e ele estava fumando. Aí esse jogador contou para outros jogadores e isso se espalhou pelo clube. Chamaram nossa atenção, e eu nem fumava. No fim, não fiquei nem um ano nessa função”.

Contudo, ele não desistiu de tentar jogar futebol. De “peneira em peneira”, acumulou aprovações em clubes do interior gaúcho como Guarani de Venâncio Aires, Cerâmica e Guarany de Camaquã, mas optou por não integrar o plantel de nenhum, tendo em vista que os clubes de menor poder aquisitivo pagavam os atletas por partida vencida, e, em caso de derrota, não havia remuneração. Com as dificuldades financeiras que Alex vivia em casa, já com os pais separados e com queda na renda, não valia a pena se lançar ao desafio dentro dos gramados. Ainda dentre as tentativas de tornar-se jogador, uma o marcou negativamente, já que, no ano de 1994, tentaria a maior das oportunidades até então. Com teste aberto para seleção de jogadores de base, o Grêmio promoveu mais uma peneira para identificar potenciais atletas e, em meio aos 60 inscritos para as oito vagas abertas, estava Alex. Na data, inclusive, Joselino decidiu por acompanhar o filho no teste, direto da arquibancada. Antes da competição, todo o grupo de meninos esteve no estádio Olímpico para resgatar o uniforme de treino e, na sequência, seguir até o campo onde o teste seria realizado, no bairro Cristal.

“Eu estava muito ansioso, e acho que acabei passando o nervosismo para a parte muscular. Tive uma câibra forte, o goleiro veio me ajudar. Com 20 minutos de jogo, o treinador veio até mim e disse que eu nunca seria profissional. Fui substituído e parti direto para o ônibus, esperei o teste acabar. Foi uma das únicas vezes que meu pai estava presente”. Em casa, a sensação de impotência tomou conta do adolescente. Depois desse episódio, ele e o pai nunca mais falaram sobre futebol, mesmo que Alex tivesse apostado em outros testes e até mesmo sido aprovado nos clubes de menor expressão. A situação só

mudou sete anos antes da morte de Joselino, quando pai e filho puderam disputar uma partida amistosa de futsal por diversão, em 2008.



Depois do episódio da peneira, Alex retornou ao Olímpico para acompanhar jogos como Grêmio e Portuguesa, em 2002, ainda na Série A | Foto: Arquivo pessoal

Com a negativa no resultado da peneira, era hora de terminar os estudos e, vez ou outra, arriscar uma nova avaliação pelos clubes do estado. Depois do episódio junto ao Grêmio, um novo desafio se impôs em sua vida: seria pai. “Ali, o desejo de jogar ficou em segundo plano. Não tinha estrutura. Hoje em dia, um jogador profissional tem apoio do clube, recebe alimentação, auxílio psicológico, a família está perto. Eu fiquei na esperança de conseguir, mas já era pai, ficou mais difícil”. Alex garante que o passado não se tornou uma ferida mal curada, mas sim um aprendizado. “Se eu tivesse alguém para me alertar na época em que eu estava lá no meio dos jogadores, na época em que lavava carros, acho que eu teria tentado. Não tive muita instrução, mas não me machuca, eu levo pra vida, aprendi a ter disciplina”. De todas as experiências, compreende que os momentos vividos podem ser, ainda, exemplos para as filhas Évelyn e Júlia. A mais velha, inclusive quando pensava na carreira de jogadora, como um dia o pai pensou, considerava que havia puxado ao avô o gosto pelo futebol. “Eu não tive muita relação com o meu avô, mas sei que ele deixou o

legado de ser gremista e de desenhar. Mas eu só herdei o primeiro, mesmo, porque eu não sei desenhar nada!”, brinca.

No entanto, a aproximação de Évelyn com o futebol não se deu dentro dos gramados. Aos 11 anos, durante uma festa de formatura de Jornalismo em que havia ido acompanhada da mãe, a pergunta “o que você quer ser quando crescer?”, veio à tona. Com as tantas ideias que passavam pela cabeça (na época, sonhava também em ser cantora), Laudia sugeriu: “Évelyn, porque tu não fazes Jornalismo? Junta o gosto pela foto, pelo esporte e aproveita que tu escreves bem. Deixa pra cantar na igreja!”. De imediato, a ideia a cativou. Com o tempo, a identificação com a profissão foi se reforçando, a ponto de, ainda tão jovem, vasculhar a grade de disciplinas do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mesmo sem entender muito bem do que se tratava cada matéria.

Com o passar dos anos, o desejo plantado naquela noite de festa de formatura se intensificou. Aos 16 anos já sabia que seu caminho seria trilhado em meio ao Jornalismo, mas com um adendo: trocaria a grade curricular da universidade gaúcha pelo currículo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a vida próxima ao mar de Florianópolis. Tudo estava sendo planejado por Évelyn, que deixaria Porto Alegre supostamente sem ter acompanhado, já crescida, um título de expressão nacional do clube de coração na cidade. Contudo, em 2016, os pais mudaram os rumos e os planos da filha. Em dezembro daquele ano, após meses de preparação, a família mudou-se para a capital catarinense. Apesar da vontade de cursar o ensino superior na UFSC, os planos de Évelyn eram ir para a cidade apenas no fim do ano seguinte, quando prestaria vestibular. Em meio à frustração da adolescente, o Grêmio voltava a disputar uma final de campeonato nacional naquele período. No dia 7 de dezembro, enquanto a mãe e a irmã de Évelyn, Júlia Cazão, estavam em Florianópolis em pleno processo de mudança, Évelyn e Alex estavam em Porto Alegre, acompanhando, pela televisão, a partida entre Grêmio e Atlético Mineiro. Ao fim do jogo, o tricolor sagrou-se pentacampeão do torneio pelo placar de 2 a 1, levando mais de 20 mil gremistas à Avenida Goethe, na capital gaúcha, para a comemoração. Entre os presentes estavam pai e filha, que saíram de casa com o carro da família, às buzinas, para festejar. “Foi a conquista mais marcante pra mim, porque eu não me lembro da Copa de 2001. Fomos para Goethe e todos estavam buzinando na rua. Sensação inexplicável. Minha mãe falando com a gente e nós fingindo que estávamos em casa, ou ela ficaria preocupada”.

16 dias depois, as emoções eram tão fortes como naquele dia 7, mas de forma negativa. Em 23 de dezembro, Évelyn e o pai deixaram Porto Alegre para se estabelecer em Florianópolis. “No dia que eu fui embora, chorei em dois momentos: abraçando minha avó materna e passando pela Arena do Grêmio. Chorava igual criança, mas o meu pai não chorou. Porto Alegre, pra mim, se resume em família, amigos e Grêmio”. Já na capital catarinense, pai e filha comemoram a conquista da Copa Libertadores de 2017 no bairro Canasvieiras, onde um grupo de gremistas se reuniu para festejar na praia. “Não é igual, foi só um momento de extravasar, mas não deu vontade de ficar lá, em Porto Alegre seria outro clima. Gostaria de ter feito uma ida rápida de avião para festejar e, depois, voltar”. Mesmo assim, a família considera que a decisão de deixar o solo gaúcho se mostrou acertada desde o início. “Viemos por segurança. Morávamos em uma casa com 2,40 metros de grade. Não penso em voltar para lá, vendi minha casa na pandemia de Covid-19 e digo que o cordão umbilical foi cortado com a cidade em 2020. Ah! E vendi para um colorado, mas não sabia que ele torcia para o Inter!”, brinca Alex.

Eu sou como tu és

O sonho de cursar Jornalismo manteve-se firme em Florianópolis. Em 2018, a menina que sonhava em trilhar o caminho esportivo passou no vestibular e, no ano seguinte, iniciou as aulas de graduação. Já nas primeiras semanas de curso, Évelyn deixava estampado o seu time do coração e a área profissional que gostaria de seguir no Jornalismo. Era comum vê-la circular pelos corredores com camisetas, cachecóis e outros adereços nas cores azul, preto e branco. No entanto, com o passar dos semestres e com a diversidade de caminhos oferecidos dentro da faculdade, a jovem, que sonhava desde criança com o esporte, acabou por desapegar deste objetivo, muito em consideração à remuneração de um jornalista tradicional. “Eu cresci profissionalmente, foquei em buscar coisas maiores, e eu sou muito diferente da torcedora que eu era quando adolescente, deixei o fanatismo. Hoje, eu gosto mais de um bom futebol do que sou uma gremista fanática. Pra mim, o meu pai é fanático, eu não”. Atualmente, Évelyn é dona de uma agência de comunicação, com trabalhos que englobam Publicidade e Jornalismo, e pretende manter-se na área no futuro.

Alex, maître de hotel, mantém o gremismo na capital manezinha ou em qualquer lugar. Sempre atento às notícias do time, entende que a filha, com as demandas profissionais e acadêmicas, distanciou-se do clube. Ainda assim, garante que o relacionamento dos dois

não foi afetado com isso. “Se o *Google* for analisar quem é a pessoa que mais pesquisa sobre o Grêmio, vai aparecer eu. É umas cinco vezes por dia, eu acompanho muito! Mas não acho que eu sou fanático, não”. Agora, se há algo em que os dois concordam e, inclusive, compartilham, são as superstições. Já distante da carreira de jogadora ou jornalista esportiva, Évelyn bate o martelo: “Eu tenho superstições por causa dele! Se estou vendo um jogo, principalmente decisão, e as pessoas estão sentadas de um jeito, tem que continuar daquele jeito. Aliás, o Grêmio foi rebaixado em 2021 porque o meu marido saiu do lugar dele no sofá”. Desde criança observando o pai preservar religiosamente os volumes de televisão em que estava modulado o áudio durante o gol do Grêmio em qualquer partida que ocorresse, ela tomou para si manias que, segundo ela, ajudam o clube durante os jogos. “Quando o Grêmio foi rebaixado, eu estava muito nervosa. Eu nem queria ver o jogo, mas o meu marido, que nunca assiste, colocou no canal para vermos. Tive crise de ansiedade, acabou e eu fiquei ajoelhada com a cabeça no chão, chorando. Eu nunca vou morrer de ataque cardíaco, o Grêmio me deixou vacinada!”.

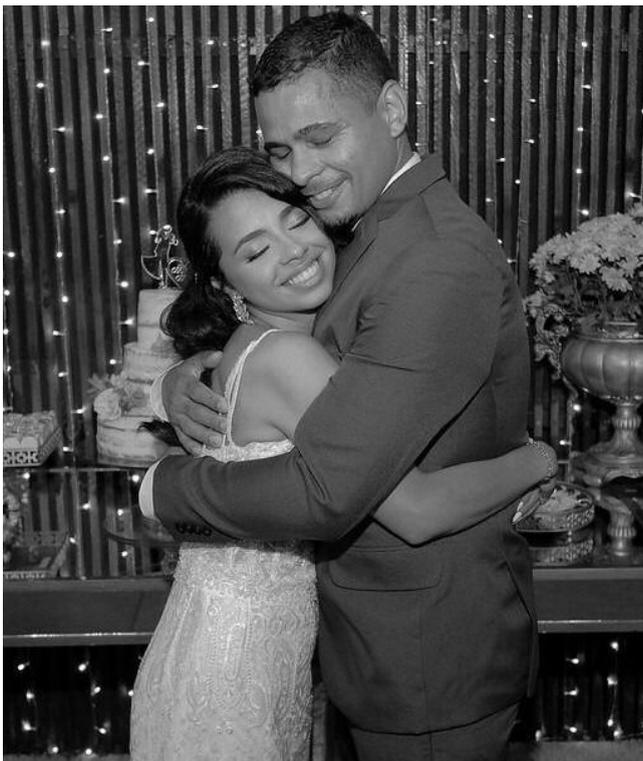
Na data, o tricolor dependia de uma vitória e resultados paralelos para safar-se do terceiro rebaixamento de sua história. “Os jogos estavam favorecendo o Grêmio, e o time estava ganhando. Eu pedi pra todo mundo ficar no lugar que estava, e falei pro lury: ‘Se sair, o Grêmio vai perder e vai ser tua culpa!’”. Évelyn e lury estão casados desde fevereiro de 2022 e, atualmente, esperam um bebê. O marido, nascido no Mato Grosso do Sul, chegou a Florianópolis com nove anos de idade, e tomou carinho pelo Avaí. Ainda assim, Évelyn garante que a criança será gremista, mas que pode nutrir uma simpatia pelo time catarinense. “Minha família toda é Grêmio, e se o meu filho ou filha não for, pode sair de casa!”, ri. “Eu sempre fui no estádio, tenho essa coisa com o clube, e até simpatizo com o Avaí. Mas as roupinhas vão ser todas do Grêmio. Se tiver do Avaí, eu nem coloco”. Para lury, o bebê pode torcer para os dois times. “Só o tempo dirá, mas, pelo que sei, aqui em Florianópolis tem muitos torcedores que optam por dois times, um daqui e outro de fora do estado. Não veria problema em torcer para os dois!”. Para os sogros, Alex e Laudia, o bebê já tem torcida definida. “A criança, com certeza, não será de outro time. Ela [Évelyn] vai fazer a cabeça desde já”, se diverte a matriarca, enquanto Alex projeta: “O desejo do meu coração é um. Se depender de mim, não preciso nem dizer, né? Mas não tenho dúvida de que a Évelyn vai fazer com esse neném o que fiz com ela”.



Alex, Évelyn, lury, Laudia e Júlia reuniram-se para celebrar o casamento da primogênita em 2022 | Foto: Arquivo pessoal

Alex e Laudia, inclusive, passaram por algo semelhante há oito anos. A chegada da segunda filha, Júlia, em 2014, despertou, mais uma vez, a vontade de passar a uma herdeira o amor pelo Grêmio, tradição instaurada na família. Mesmo assim, por ter saído com dois anos do Rio Grande do Sul, a menina não teve relação tão próxima com o clube quanto a irmã mais velha. “Eu tento influenciar a mais nova como influenciei a Évelyn, mas ela está há mais tempo em Santa Catarina do que no Rio Grande do Sul, e ‘viver’ o estádio é muito diferente. Eu levei a Évelyn ao estádio pelo menos umas dez vezes”. Para Évelyn, a menor não acompanhou a família na atividade de torcer como ela. “A minha irmã não é nem perto do que eu sou como gremista. Eu cresci no meio da galera do morro, outra geração, ia no estádio... ela é gremista, mas não se compara”.

Em setembro de 2019, Évelyn deixou a casa dos pais para viver com lury, também em Florianópolis. Sem pretensões de voltar ao estado gaúcho, se mantém perto da mãe, da irmã e do pai que também não pensam em retornar. Mesmo sem a “parceira” gremista em casa, Alex segue dividindo com a filha um dos maiores prazeres que herdou do pai: torcer. “Não é algo que me torna mais gaúcho, mas é algo marcado, que não se apaga. Agora, o clube foi e ainda é uma das coisas que aproxima meu relacionamento de pai e filha com a Évelyn, com certeza”.



Da arquibancada ao altar, Évelyn e Alex mantêm cumplicidade mesmo após a saída da filha de casa | Foto: Arquivo pessoal

Das principais recordações da infância, o elo que criou e manteve com o pai se destaca. “O Grêmio é um elo com Porto Alegre, com certeza, mas com o meu pai, também. Desde criança eu já era muito apegada a ele porque construímos esse ‘gremismo’ em comum. Me pergunto, às vezes, se eu não tivesse me interessado pelo Grêmio, será que seria próxima dele? Talvez o Grêmio tenha me feito trilhar um rumo que, se não fosse ele, seria tudo diferente”.